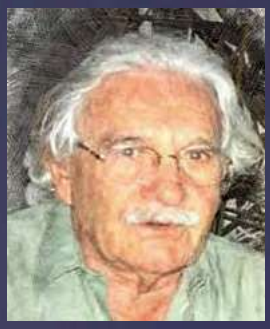
REVISTA BZZZ
ANO 8 | Nº 93 | ABRIL/MAIO 2021



POLIVALENTE
Vida e obra do seridoense potiguar Janduhy Finizola, médico que compõe música e poesia

COLMEIA
Novidades em Natal, Gostoso e Lisboa

CENOTES
Maravilhas do México

ALMAS GÊMEAS
A antiga ligação entre RN e EUA

O CONCESSIONÁRIO

VISÃO DE EMPREENDER COM RECEITA DE SUCESSO, O JOVEM EMPRESÁRIO ARNON CÉSAR É DAQUELES QUE ACREDITAM NO OUSAR É PRECISO. DIRIGE O GRUPO DUNAS, QUE REÚNE TRÊS CONCESSIONÁRIAS DE CARROS IMPORTADOS EM NATAL E MAIS

sicredi.com.br

SAC - 0800 724 7220 / **Deficientes Auditivos ou de Fala** - 080

Existe o consumo consciente.
Existe o desenvolvimento sustentável.
Existe a cooperação.

Existe alternativa.

O Sicredi é a alternativa para você, sua empresa ou seu agronegócio. Aliamos as suas necessidades financeiras com a economia local, a educação e o desenvolvimento das regiões em que atuamos.
É com esses valores que queremos construir uma sociedade mais próspera. Que valores tem o seu dinheiro?

Escolha o Sicredi,
onde o dinheiro rende um mundo melhor.

00 724 0525. **Ouvidoria** 0800 646 2519.

Aponte a câmera do celular e saiba mais.

Sicredi

Recordações **armazenadas**

Desde sua primeira edição que a Bzzz prima por resgatar memórias, de personalidades, monumentos, costumes etc. E assim foi conquistando leitores. Alguns já colecionadores. E essa ideia central ganhou um importantíssimo colaborador: Ivan Lira de Carvalho, imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL) e membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, que já foi honrosamente capa de uma de nossas edições.

Só que a chegada de Ivan Lira traz um detalhe de imensa relevância: sua colaboração vai além do resgate daqueles que se notabilizam por diversificados feitos. Presenteia-nos com a reminiscência também de ilustres por muitos ainda desconhecidos. E o melhor: memória viva, idem. Como no caso desta publicação, em que detalha a instigante história de vida e obra do seridoense potiguar Janduhy Finizola, grande médico que se desdobrou também em música e poesia. Uma maravilha! Deleitem-se igualmente.

E nossa querida chef-viajante Sabrina Mahler desembarcou em mais um incrível destino. Dessa vez foi o México, nada menos que o 44º país que conhece. As atrações são tantas, que ela começou a escrever ainda vivendo as aventuras em meio à cristalinidade das incríveis águas caribenhas. E dos antepassados da civilização Maia. Roteiro de nada menos que 30 dias, com paradas em terras norte-americanas. Viagem gigante, ela contará pormenores em três partes, e aqui segue a primeira.

E dando continuidade ao resgate de matérias que já publicamos, selecionadas a pedidos, brindamos este número com as memórias de Newton Navarro, Jane Mesquita de Faria e Rodolpho Fernandes, o prefeito que enfrentou Lampião e montou vitoriosa estratégia que expulsou o cangaceiro e seu bando de Mossoró. Contamos novamente a antiga ligação entre o RN e os EUA. De maravilhas potiguares, a fantástica Urca do Minhoto, com ondas gigantes, entre Galinhos e Guamaré, e os encantos de Parelhas, pelo viajante Gilson Bezerra. Na minha coluna, novas daqui e d'alémar.

Boa leitura
Eliana Lima - Editora

PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznoticias.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA, IVAN LIRA DE CARVALHO,

SABRINA MAHLER

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA

Clube do Cliente

UM BOCADO DE BENEFÍCIOS PRA VOCÊ.

Tenha descontos em farmácias, academias, spas, escolas, construtoras e muito mais.

Saiba mais:

Unimed Natal

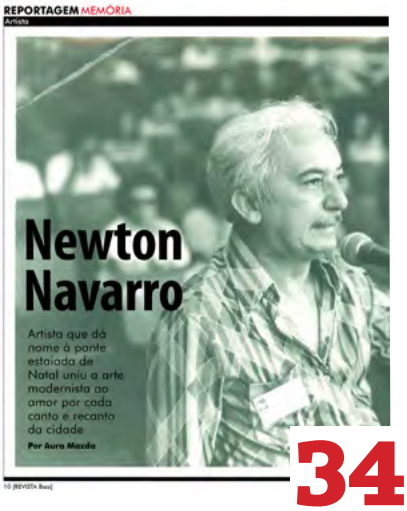
ANS - nº 3355559-2

ÍNDICE

26

52

70



34

58

42

64

8 | AS LISBOETAS

18 | VIAJANDO COM SABRINA MAHLER

76 | FESTAS

78 | ARTIGO

É PRÁTICO E SEGURO PARA A SUA EMPRESA!

GESTOR, CONHEÇA AS VANTAGENS DE UTILIZAR O VTE NATALCARD

VALE-TRANSPORTE

Esteja de acordo com a **lei 7.418/1985**, que garante ao trabalhador o vale-transporte de uso exclusivo no trajeto casa-trabalho-casa.

MAIOR CONTROLE

Administre as compras de créditos de passagens dos seus funcionários: solicite cartões de 1ª e 2ª via; realize bloqueios de cartões de forma on-line e sem sair da sua empresa.

PRATICIDADE E SEGURANÇA

Recarregue os cartões dos seus colaboradores via internet. Em caso de perda ou roubo, os créditos podem ser recuperados.

BENEFÍCIOS PARA O COLABORADOR

Através da integração em diversos pontos da cidade, pode-se utilizar as 4 passagens diárias, fazendo até 4 integrações por dia.

***Considerando o sistema de integração eletrônico da cidade do Natal.**

ENTRE EM CONTATO COM NOSSOS CONSULTORES DE VENDAS, SOLICITE O CARTÃO VALE-TRANSPORTE NATALCARD E RECEBA NA SUA EMPRESA!

CENTRAL DE RELACIONAMENTO:

(84) 9106-0986

atendimento@natalcard.com.br

Acesse o QR Code e veja informações sobre o Cartão Vale-Transporte

natalcard.com.br natalcad

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho

ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

BOM DEMAIS!

Em tempos de crise, reinventar é preciso. Abrir o leque, idem. E assim vêm fazendo empreendedores potiguares.

Em Natal, a turma do tradicional Buraco da Catita, na Ribeira, vai abrir em junho um novo espaço, em estilo gastrobar, conceito que reúne drinques legais, comidinhas mais sofisticadas e ambientação moderna e descontraída.

Será o Catita Gastrobar, no Shopping Cidade Jardim, com belo projeto de Mara Azevedo e Karine Mendes.

É muito orgulho

Gente! E o Camarões Potiguar?! Os herdeiros de Vânia Bezerra e Fernando Medeiros abriram uma lindíssima filial em nada menos na Vila Nova Conceição da capital paulista, numa área de 1.400 metros, com cerca de 350 lugares.

No cardápio, os pratos que mais fazem sucesso nas terras de potis-apreciadores. Além de receitas exclusivas para os sabores paulistanos, como o Ravioli de camarão. Já salivando para me jogar no pão italiano recheado com camarão aos quatro queijos.

Mamma mia

O Grupo Capricciosa abriu em Lisboa um charmoso restaurante italiano, que recebeu o nome de Sophia Natural Italian, na Praça Dom Luís I, no Cais do Sodré.

Com o grifo do estrelado chef José Avillez, jogue-se em pizzas, massas e risotos, com base em receitas tradicionais adaptadas e direito a um estilo mais saudável.

Fantástico

Voltando a São Miguel do Gostoso, uma lugar sensacional para não deixar de visitar: a Galeria Sol da Meia Noite.

Um espaço que deverá ser referência de arte no Nordeste, idealizado pelo jornalista Emanuel Néri, um apaixonado por Gostoso.

São esculturas gigantes, cada uma com iluminação especial. Encante-se, principalmente, pelo belo e imenso e colorido pega-varetas.

Que maravilha!

Tenho nova paixão em São Miguel do Gostoso. E na Praia do Cardeiro. Com visão privilegiada do mar o da lagoa fica o Sheik's Bar e Restaurante. Um quisque de praia muito bem organizado, com a cerveja sempre gelada, bons drinques e cardápio de petiscos e pratos deliciosos sob o comando do simpático proprietário: Jonathas.

Com especialidade em frutos do mar, o camarão empanado no panko é algo dos deuses, acompanhado de um purê que tem um toque muito especial. Perfeito. Amo pastel. E os de lá são divinos. O polvo ao vinagrete é algo mais. A cioba inteira frita, pode repetir. Tudo lá é ótimo.

Gostoso demais

E quem não desgruda do seu pet, São Miguel do Gostoso agora conta com um lugar todo especial para receber cães de todos os tamanhos, com segurança, hospedagem e muita brincadeira.

É o Cãotinho Gostoso, na Praia do Cardeiro. Nada menos que um hotel e resort. Espaço também para eventos pet, recreação, aniversários, casamentos, com direito a suíte master para lua de cio (rsrs).

Conta com amplos apartamentos, parque aquático, pacotes para estadia, day use, day care e eventos fechados só para convidados.

Pense num lugar massa. Minha Mel (Lhasa Apso) e o primo Bob (Shar-pei) amaram.

experimente
É GRÁTIS
Acesso ilimitado a
dezenas de publicações
Informação rápida,
simples e barata.
As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!
boraler
publicações digitais
Get it on Google play
Available on the App Store
Disponível também na web
www.boraler.com.br

Ivan Lira de Carvalho
Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Conselho Estadual de Cultura, da Academia de Letras Jurídicas do RN e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal

Janduhy Finizola - O brilho da maturidade

JANDUHY FINIZOLA

De um Jardim do Seridó **e de músicas**

No abrir da década dos trintas a pacata cidade de Jardim do Seridó, anteporta do sertão do Rio Grande do Norte, vivia na normalidade dos burgos de então: pequeno comércio, economia fundada em produção agrícola primária, notadamente algodoeira, vida cultural restrita a alguns grupos. Município destacado de Acari havia meio século, evoluiu do povoamento Conceição do Azevedo, estando banhado, na região urbana e derredores, pelos rios Cobra e Seridó. Nesse tempo, teve no comando da sua gestão o Intendente (cargo que equivale ao de Prefeito, atualmente) Heráclio Pires Fernandes, farmacêutico formado na Escola de Farmácia do Recife, que trouxe para a sua terra os influxos de modernidade que experimentou na capital pernambucana, cortada por águas fluviais e embelezada por pontes de refinado gosto. Foi nessa similitude líquida – na medida do possível – que Heráclio tomou inspiração para chamar Jardim de "A Veneza Seridoense". Adicionou a esse clima de enlevo um jornal, "O Município – órgão independente e noticioso", do qual era o dono e diretor, tendo por secretário o historiador Antídio de Azevedo, servindo de base para as publicações dos demais letrados da paróquia.

Esse o desenho socioeconômico, cultural e urbanístico do lugar, que mereceu de Mário de Andrade (sim, ele mesmo, o ícone da Semana de Arte Moderna) a seguinte apreciação que está nas páginas do livro "O Turista Aprendiz": "Às 9 cortamos Jardim do Seridó, uma cidadinha de Tarsila, toda colorida, limpa e reta. Catita por demais, lembrando Araraquara por isso. Cidade pra inglês ver. Mas não tem dúvida que é um dos momentos de cor mais lindos que já tive neste aprendizado de turista". Pois foi aí que decidiu morar uma família de ascendência italiana, originária de Vibonati, em Salerno, capitaneada por Braz Finizola, cuja filha, Maria, casou-se com Manoel Orago da Cunha, advindo o filho único Janduhy Finizola da Cunha, nascido lá mesmo, na proximidade do Rio Cobra, a 22 de abril de 1931.

Garoto esperto, Janduhy teve a instrução primária no Grupo Escolar Antônio de Azevedo Maia, somente saindo de

O compositor em tempo de criação

Mário de Andrade e a Jardim da infância de Janduhy

Jardim do Seridó para prosseguir os estudos, em regime de internato, no Ginásio Diocesano Seridoense, em Caicó, estabelecimento moldado pelos rigores do seu diretor, o Padre Walfredo Gurgel, um austero cura ordenado e doutorado em Roma, que ministrava aulas em latim, para o terror da garotada. A propósito, o mencionado sacerdote teve uma atividade política paralela à clerical, exercendo mandatos de Deputado Federal, Senador, Vice-Governador e Governador do Rio Grande do Norte.

Concluídos os estudos caicoenses, Janduhy rumou para a capital do Estado, onde foi matriculado no Atheneu Norte-Riograndense. Encerrado o que hoje equivale ao ensino médio, prestou vestibular para a Faculdade de Medicina do Recife, a clássica instituição do Derby, conseguindo aprovação em 1951, dali saindo médico em 1957 e passando a cursar especialização no Hospital dos Servidores, no Rio de Janeiro, de onde retornou em 1960, escolhendo atuar profissionalmente em Caruaru, maior cidade do interior pernambucano, fazendo base no Hospital São Sebastião. Fincou raízes e descendência: Janduhy Filho (magistrado), Januária (bailarina), Daniel (professor e publicitário), Ayana (administradora de empresas) e Letícia (fisioterapeuta).

Jardim do Seridó na primeira metade do século vinte, com destaque para a casa da família Finizola da Cunha. Abaixo, nos dias atuais

Evolução dos estudos: Grupo Escolar Antonio de Azevedo Maia, Ginásio Diocesano Seridoense, Atheneu Norte-Riograndense e Faculdade de Medicina do Recife

Assim Janduhy Finizola encontrou Caruaru, início dos anos sessentas

Janduhy Filho, Januária, Ayana, Daniel e Letícia. Filhos

Hospital dos Servidores, onde Janduhy fez especialização em doenças do aparelho digestivo de 1958 a 1960

Médico pensando poesia

A Missa do Poeta

Janduhy Finizola

Eu tenho feito meus tempos de arte, escaladas poéticas e claros de sonância e cantar, de par com motivos de vivência Nordestina.

Caminhando por rumos da vida, estradas de poesia, veredas do Sertão, silêncio das caatingas, íntimo alvoroço na criação do verso que me deixa em graça com o mundo e com a harmonia de viver, cheguei à Missa do Poeta.

Veio um convite surpreendente e gratificante. Criar textos e poemas para a Missa do Poeta. Chegou por inspiração de Tarcísio Rodrigues, presidente da Casa de Cultura de Serra Talhada, através do Quinteto Violado, que redundou numa parceria agradável e desejada.

Poetas são tantos que o mundo tem, vivos ou mortos, deles ninguém se apieda pois o exercício da palavra, a emoção que transborda das vertentes do poema e pelas definições de vida e amor que o poeta informa, tudo chega luzente e incidente no Universo de cada um, habita o coração e ensina a responder às horas magoadas.

Com as vozes do Pensamento, o repouso das horas, o poeta assume a estória da vida e anula as memórias de sofrer.

Estamos na Missa do Poeta abençoados pela poesia de Marcolino, e de tantos poetas do Sertão da Vida e do Amor que o anonimato escondeu.

Estamos para respirar a Fé que os cantos da Missa provocaram.

Estamos para renovar e enaltecer os valores culturais desta Terra e homenagear os cantadores que inspiram suas trovas no querer do povo e suas carências sociais.

Estamos porque acreditamos que os cantos da Missa em dueto com o cantar dos poetas populares vão interceder junto a Deus e aos homens, para que o Sertão não seja apenas a lembrança da seca, mas, um cuidado permanente do Poder.

Ah, meu Sertão de campos abrasados, morada do Sol, amante da Lua, que dorme maravilhado com as estrelas, inquieta-se e se exercita com a ventania solta, cedo desperta renascido nas promessas da madrugada, adivinha no quebrar da barra, as mudanças no clima, na sua estória e no dizer do Céu.

Nesta Missa, oferecemos afim da fantasia do poeta, seus passos para ordenar a vida, sua luta para realizar a família, seu trabalho digno e fecundo enriquecendo e prestigiando a Comunidade.

Oferecemos seu pelejar e sua conduta de poeta em Sociedade, que não sabe ser um mercador, um avalista de tarefas, um comprador da força do homem, um divorciado do Irmão.

Oferecemos sobretudo o perfil do poeta amigo, desprendido, igual.

Oferecemos a liberdade que lhe sustenta o sonho que persegue, e até o amor que se perdeu, e se virou na rima da sua vida.

E vamos mais e mais viver a Missa do Poeta, glorificando Deus, o poeta da Natureza que criou o luar, o por-do-sol, a voz da passarada na madrugada, o olhar das estrelas e o Amor Universal.

Glorifiquemos também quem nasceu poeta e decifra a vida numa canção, é belo e puro no ato de versificar seus desejos e ardentes conceitos de vida.

Janduhy Finizola

Natural de Jardim do Seridó (RN), caruaruense por opção e poeta por vocação. Radicado em Caruaru há mais de 30 anos, médico, sempre com o olhar atento aos sinais do Sertão, motivou o Quinteto Violado a explorar pelo mundo suas ***Rezas de Sol*** *(Missa do Vaqueiro). Agora, numa perfeita união, letras de Janduhy e músicas do Quinteto Violado nos trazem a* ***Missa do Poeta****, para imortalizar na figura de Marcolino, o poeta sertanejo "que faz do mundo uma canção".*

Artigo assinado por Janduhy no Diário de Pernambuco, declarando a naturalidade potiguar. 1990

Exerceu a medicina com afinco, mas sem desgrudar da música e da poesia, como diz matéria jornalística do Diário de Pernambuco de 29.05.1979: "Entre um atendimento e várias receitas, Finizola vai compondo músicas que são sucesso no País inteiro". Verdade. Foi no ambiente hospitalar que Janduhy conheceu Luiz Gonzaga, que estando em Caruaru para receber o título de cidadão honorário, fez um show e comeu o que não devia, sendo levado à consulta no hospital onde estava de plantão o médico-compositor, de quem o cantor já ouvira falar pelo amigo comum Onildo Almeida. Entre pílulas e versos, começou naquela madrugada uma produtiva amizade para o cenário da cultura nordestina, já que Gonzaga gravou inúmeras músicas de Janduhy, a exemplo de "Frei Damião", "Jesus Sertanejo", "Cavalo Crioulo", "Cidadão de Caruaru" e "Pai Nosso"´, conforme lembram o pesquisador Kydelmir Dantas, no livro "Luiz Gonzaga e o Rio Grande do Norte" e a musicóloga Leide Câmara, em "Luiz Gonzaga e a Música Potiguar". Essa afinidade levou Janduhy à Missa do Vaqueiro, celebração anual que juntava em Serrita-PE homens e mulheres encourados de todo o Nordeste, em honra da alma de Raimundo Jacó, um primo de Luiz Gonzaga que havia sido barbaramente assassinado. A missa, conduzida pelo Padre João Câncio,

tornou-se palco para brados musicais contra as injustiças e a impunidade, inspirando Finizola a compor uma trilha inteira para a cerimônia, que além de ser apresentada no ato religioso, foi gravada por completo pelo Quinteto Violado, dando base também a uma adaptação para o teatro, na peça "Rezas de Sol para a Missa do Vaqueiro", dirigida por Renato Borghi e com elenco de quinze pessoas, liderado pela premiada atriz Célia Helena, contando com cenografia do consagrado Elifas Andreato. O espetáculo fez parte do conjunto de atividades que inaugurou a Sala Funarte, em São Paulo, em 1978, seguindo depois para temporada na sala congênere situada no Rio de Janeiro, fazendo sucesso nas duas ocasiões.

As músicas de Janduhy Finizola também aviventaram a peça "Lampião no Inferno" ou "A vitória do Padre Cícero sobre os poderes de Satanás", da autoria de Jaime Lima e dirigido por Lúcio Lombardi, sob as bênçãos de Plínio e Diva Pacheco, no contexto do "Circo da Raposa Malhada", encenado em 1972, em Nova Jerusalém, Fazenda Nova-PE. Os arranjos musicais ficaram a cargo do Quinteto Violado, contando com o auxílio luxuoso da Bandinha do Maestro João Amaro.

A fé cristã, além de animar Finizola à produção de trilhas para a Missa do Vaqueiro, o levou a uma relação muito próxi-

Finizola e o amigo Luiz Gonzaga

QUINTETO VIOLADO / PRIMEIRA MISSA NORDESTINA

DO ALTO SERTÃO
A IPANEMA
O MAIS LONGO
PERCURSO
DO VAQUEIRO

O Jornal do Brasil dá página inteira ao espetáculo "A Missa do Vaqueiro", levado pelo Quinteto Violado ao Teatro da Praia, no Rio de Janeiro, em 1976

ma com Frei Damião de Bozzano, um italiano reverenciado pelos católicos nordestinos, de quem foi constituído médico particular, consoante matéria do Diário de Pernambuco de 10.02.1977, registrando, quando da internação do frade na Casa de Saúde Bom Jesus, em Caruaru, para tratar de mal súbito que o acometeu, que o Dr. Janduhy regulou até o fluxo de visitas, determinando o máximo de duas pessoas por vez.

Voltando ao cenário musical, a obra de Janduhy foi divulgada por muitos cantores ou grupos. Por exemplo, Os Três do Nordeste gravaram, ainda na década dos setentas, "Ana Maria", que em uma regravação de Santanna O Cantador, alcançou sucesso nacional. O mesmo destino teve "Bananeira Mangará", eternizada por Marinês e por Ruy Maurity em espaços distintos. Jorge de Altinho mantém no seu repertório, há décadas, músicas de Finizola como "Nova Jerusalém" e "Reflexões". Dominguinhos foi seu parceiro em "A fé do Lavrador". E tantos outros gravaram Janduhy, como Elba Ramalho, Alcymar Monteiro, Maciel Melo, Cezzinha e Genival Lacerda.

A discografia de Finizola é ampla e se entrelaça nos livros de poesia que ele escreveu, como o já citado "Rezas de sol para a Missa do Vaqueiro" (1976), "Oficina de infinitos" (2004), "Sementes" (2006) e "Espaço da palavra" (2011).

Aos noventa anos, aproveita com paz o carinho da família e dos amigos, além do reconhecimento da sua obra, residindo em Caruaru, tecendo as lembranças possíveis da sua origem jardinense.

Capa do CD "Rezas do Sol para a Missa do Vaqueiro"

Janduhy canta peças da "Missa do Vaqueiro" com o Quinteto Violado, em Serrita-PE

A arte gráfica de Elifas Andreato apresenta a arte musical e teatral de Janduhy

Janduhy, em 1979

Finizola e Marcelo Melo, do Quinteto Violado

Sabrina Mahler
Chef-viajante

MÉXICO!

Até que enfim!

Fotos: Arquivo pessoal

Não sei ao certo o motivo que não me trouxe ao México antes! Sempre adorei a comida, as pimentas, *life style*, as praias, a língua, enfim, tantas afinidades nos uniam mas não sei por que só foi o 44º país que conheci.

Sim, eu sou daquelas que contam os países, vibram em cada terrinha diferente que pisa!

Você é assim também?

Pois bem, cá cheguei e já me deu vontade louca de compartilhar as primeiras experiências e impressões.

Nossa base escolhida foi Playa del Carmem, devido a localização entre Tulum e Cancun, o que facilita a locomoção, diminuindo as distâncias e otimizando o nosso tempo.

Escrevo estas linhas em meu quarto dia neste paraíso e já posso afirmar que foi a melhor escolha. No nosso caso, e pensando em tudo que queria conhecer. Afinal, em 15 dias dá para fazer muita coisa, né?

Nosso roteiro, digo nosso pois vim com uma amiga, segue, após 15 dias, para os EUA. Depois ela volta para o Brasil.

EIS O ROTEIRO:

- Playa del Carmen
- Tulum
- Valladolid
- Chichen Itza
- Cozumel
- Cancun
- Cidade do México
- E.U.A.
- Los Angeles
- NY
- Orlando

CONTO MAIS

Acabei de voltar de Cozumel, e já com vontade de voltar...Cozumel tem que ficar dias, para sentir a vibe!

Masss..vamos voltar ao início, que estou empolgada e pulando trechos! Peguei um voo CopaAirlines para Cancun, o que tivemos a sorte de voar no 787 Max, que tem a executiva que reclina totalmente.

Atenção viajantes! Os voos Copa saindo do Rio normalmente têm a Executiva que não reclina totalmente, o que causa muita frustração. Antes de reservar uma executiva sempre cheque o avião, pois a diferença pode ser grande e não valer a pena!

Conexão rápida no Panamá e chegamos!

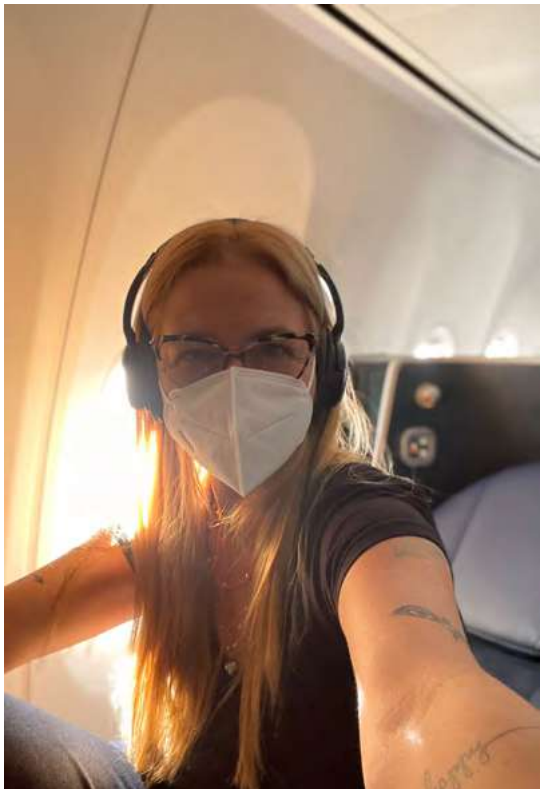
Alugamos carro pela locadora América, que tinha os melhores preços, masssss os carros são antigos, com bancos sujos e arranhadinhos. Não curti.

Do aeroporto até Playa del Carmen foram 55 minutos, estrada tranquila e um retão só. O hotel foi uma grata surpresa!! Excelente localização, a duas quadras da praia, uma quadra da quinta avenida (rua principal de Playa del Carmen) , a cinco minutos de onde pega a balsa para Cozumel. Excelentes valor e custo benefício!

Anota essa dica aí, se você quiser ficar no centro e fugir um pouco de resorts: Hacienda Real del Caribe.

O segundo dia foi para conhecer Tulum, a tão famosa, esperada, amada e estranha Tulum. Estranha por quê? Porque acredito que o charme de Tulum seja se hospedar lá, não é destino para passagem, é destino para experiência e entrega, assim como Cozumel!

Assim eu senti e vi Tulum. Um rústico chique sem igual, difícil acessibilidade para visitantes, lojas interessantes de um charme discreto e peculiar, muito algodão *handmade*, restaurantes gostosos, mas difícil de andar. Tem que ficar lá para entender melhor. Ficará para próxima com a família toda!!



As ruínas Maias, em frente ao mar de Tulum, são uma atração à parte que devem ser visitadas. Fomos de barco e vimos do mar, pois a visitação estava fechada devido a suspeita de funcionário com covid.

Ahhhh... e os Cenotes? O que é isso minha gente ?? Conhecemos o Gran Cenote, mas há milhares! Lindos! Únicos!

O que são cenotes? São formações naturais, poços de águas cristalinas, muito frequentes na Península de Yucatán e Quintana Roo. A água dos cenotes vem de rios subterrâneos onde, com o passar dos milhares de anos, ocorreu um colapso da estrutura rochosa que o sustenta.

Muitos deles são cavernas ou poços parcialmente encobertos, enquanto outros dão origem a lagos e ambientes totalmente abertos. E são lindos! Divinos! De água cristalina, com cavernas, morcegos, pedras e muita energia! Escolha um ou vários e se jogue! São muitas opções de cenotes, parques aquáticos e hotéis com experiências distintas.

Hajam tempo e disposição para aproveitar tudo que o México pode oferecer de entretenimento.

No terceiro e no quarto dia me dediquei a conhecer Playa del Carmen, dar uma volta na cidade, ir no Walmart, entrar de loja em loja, ver os artigos típicos...e ir à praia, claro! Pena que teve muito, muito sargaço ... Mass curtimos mesmo assim.

E, claro, como não podia faltar, acordei todo dia cedilhada para ver o nascer do sol na praia! A melhor hora do dia para mim!!!

Os ambulantes têm muitas carteiras e bolsas bordadas lindas! Mas achei tudo bem caro e poucas coisas realmente compensam. Masss, claro que garimpar é com a gente mesmo e saí com peças bacanas! Adorei as carteiras bordadas e chapéus! Cada um mais lindo que o outro!!

Até agora o México é tudo que pensei e muito mais! Já estou planejando a próxima viagem com meus lugares preferidos!

Mês que vem conto mais dessa *long trip* de 30 dias!

Quer acompanhar tudo *on time*?

Segue lá no Instagram @sabrinanasnuvens

RIP CURL

ARNON CÉSAR

CONCESSÃO **DE SUCESSO**

CRISE? EXISTE E SEMPRE VAI PERSISTIR. MAS, OUSAR É PRECISO. ACREDITAR, IDEM. INVESTIR, ESSENCIAL. ESSE FORMATO PODE DEFINIR A EMPRESA FAMILIAR POTIGUAR QUE REÚNE TRÊS CONCESSIONÁRIAS DE CARROS IMPORTADOS: GRUPO DUNAS. COMO SERÁ OUSAR, ACREDITAR E OBTER RESULTADOS ESPERADOS? SOBRE ESSE EXEMPLO DE PILAR ARROJADO, A BZZZ CONVERSOU COM O DIRETOR DO GRUPO, EMPRESÁRIO ARNON CÉSAR

Por Aura Mazda
Fotos: Cícero Oliveira

O gene empreendedor que atravessa gerações da família do empresário Arnon César Ramos e Silva, 46, tem sido uma das peças-chave para que a empresa familiar, o Grupo Dunas, destaque-se ano após ano no mercado potiguar. Em Natal, a marca é a vitrine das gigantes Peugeot, Citroën e Kia Motors. "Tradição, qualidade e respeito ao cliente" são os principais pilares que impulsionam a empresa, no mercado de automóveis há 37 anos, destaca Arnon César.

Observar o comportamento do mercado é outra constância. Característica importante para enfrentar, inclusive, adversidades, como a pandemia do novo coronavírus, por exemplo, desafiadora para todas as atividades econômicas. No setor automobilístico houve queda na procura do carros novos. Em compensação, percebeu-se que a venda de carros semi-novos foi ao topo da pirâmide. Com a volta do aquecimento econômico diante da redução das medidas de restrição, ainda em 2020 a "busca por carros novos voltou a crescer", diz o empresário.

Voltando ao cenário do empreendimento familiar, a história da empresa, localizada em um dos principais corredores da capital potiguar, na Avenida Prudente de Morais, começou muito antes do nascimento da Dunas, quando Arnon Sávio, pai de Arnon César, observava o patriarca Antônio Luiz no pequeno comércio que abriu na "era de ouro" da Cidade Alta, na já distante década de 1960. Seu Antônio Luiz tinha um box no Mercado Público Municipal, localizado na Avenida Rio Branco, onde hoje é o Banco do Brasil. Mercado que foi destruído por um grande incêndio que ocorreu na manhã de domingo do Carnaval de 1967.

Os anos de observação fizeram com que o jovem Arnon Sávio tomasse gosto pelo mundo do comércio e abrisse sua própria empresa. Começou como corretor de imóveis. Ampliou o leque com uma imobiliária e, depois, criou sua própria construtora. No início do ano de 1984, para diversificar os negócios, entrou no segmento de automóveis. Foi quando em 1992 abriu a primeira concessionária de carros importados na cidade, com o grifo da gigante Mitsubishi Motors. Nesse mesmo ano a história se repetiu e o filho Arnon César entrou para os negócios da família. Determinado a aprender sobre todas as engrenagens que movem a empresa, trabalhou em todos os setores até chegar, hoje, à direção do Grupo Dunas.

Comanda os negócios da família ao lado dos irmãos Bruno Luiz e Giorgio Ramos. Bruno atua na filial da Kia em João Pessoa (PB) e Giorgio em construtora e imobiliária. “Meu pai e minha mãe, Gilka Ramos, nos deram, além de conhecimento administrativo, valores fundamentais para o sucesso nos negócios, que passam por respeito ao cliente, ética e franqueza em todos os aspectos”.

FRANCESES EM NATAL

Imbuído do espírito empreendedor e aliado ao *know-how* do mercado automotivo, Arnon César trouxe para a capital banhada pelo Rio Potengi, em 2019, as francesas Citroën e Peugeot. "Quando surgiu a oportunidade, encaramos como um grande desafio. Sabíamos do potencial das marcas e que essa mensagem não chegava até o consumidor. As duas passaram por reformulações em 2015, fundamentais para que as marcas chegassem ao patamar atual", conta sobre o desafio, que não demorou a colher bons frutos.

Explica que a concepção da Concessionária Dunas é baseada no novo modelo de negócios desenvolvido pelas Peugeot e Citroën, já presente nas principais capitais do Brasil e no mundo. Os carros, produzidos no Brasil e Argentina, encontram grande aparato de assistência técnica em Natal.

A fusão das gigantes Fiat-Chrysler e Grupo PSA, em 2019, criou a Stellantis, empresa que engloba 20 marcas das duas fabricantes e que cria a quarta maior montadora do mundo. "A fusão será como um grande guarda-chuva que vai abrigar marcas incríveis, com tradição de mercado e que só trará benefícios e segurança para a Citroën e Pegeout", comemora Arnon César.

Oficialmente nascida em 1919 de uma "conversão" da fábrica, a Citroën ocupou o lugar de uma empresa do proprietário André Citroën, que até então havia construído materiais mecânicos e de guerra. Mais recentemente, no entanto, o C4 Cactus deu o tom da gama.

A Peugeot, fundada em 1810, passou de fundições de aço, roupas e bicicletas a moedores e até munição. Em 1890, porém, a Casa começou a produzir carros, e dela nasceram modelos que ainda hoje são muito lembrados, como o 205 Turbo 16, um dos reis dos ralis e do Grupo B dos anos 80, junto com o menor 106 Rallye. Mais recentemente, o novo 208 ganhou o Carro do Ano 2020, também graças ao novo estilo, e é um dos modelos principais da atual linha Peugeot.

"As duas empresas se reestruturaram e mudaram a 'cara' no Brasil. Formaram um portfólio que se complementa. A ideia é que a Peugeot seja a marca de luxo e a Citroën a marca de entrada do grupo", detalha o empresário.

PUBLICADA EM SETEMBRO DE 2017

O prefeito que enfrentou Lampião

Rodolpho Fernandes negou ceder à chantagem do bando de cangaceiros e marcou a história de Mossoró e do cangaço

Por Ana Paula Cardoso
Fotos: Divulgação

A ATÉ HOJE CELEBRADA história da resistência de Mossoró, Rio Grande do Norte, ao ataque do bando de Lampião, há 90 anos, tem um personagem central que muito divergia da figura dos cangaceiros: o então prefeito da cidade, Rodolpho Fernandes.

Ele nasceu em Portalegre (RN) no dia 24 de maio de 1872, casou-se no ano de 1900 com Isaura Fernandes Pessoa, com quem teve quatro filhos: José, Julieta, Paulo e Raul. Elegeu-se prefeito de Mossoró em 1926. Àquela época, a cidade contava com média de 20 mil habitantes e era exemplo de economia pujante graças ao ciclo do algodão e do comércio. A história do prefeito e do município, porém, seria marcada pela notícia de que o bando de Lampião iria invadir Mossoró.

Mesmo com baixo efetivo policial e diante da fama do cangaceiro mais temido do Nordeste, Rodolpho Fernandes se manteve firme e organizou o esquema de defesa que conseguiu expulsar os criminosos sem registrar nenhuma baixa do lado mossoroense. O aviso sobre os planos de invasão veio, conforme o historiador Raimundo Nonato, através de uma carta enviada ao prefeito por um representante de uma empresa mossoroense. O documento alertava sobre boatos da presença de Lampião nas proximidades e da possibilidade de ataque.

No período de um mês, que se passou entre o aviso e o ataque dos cangaceiros, Rodolpho Fernandes conseguiu aprovar na Câmara de Vereadores a criação da Guarda Municipal. O prefeito também pediu auxílio do Estado do Rio Grande do Norte e dos vizinhos Ceará e Paraíba. No entanto, o então governador cearense negou a ajuda requerida. Já o governador da Paraíba respondeu não acreditar na possibilidade de o bando de Lampião atacar Mossoró, uma vez que a cidade ia contra o perfil de municípios saqueados pelos criminosos: cidades de menor porte e distantes do litoral.

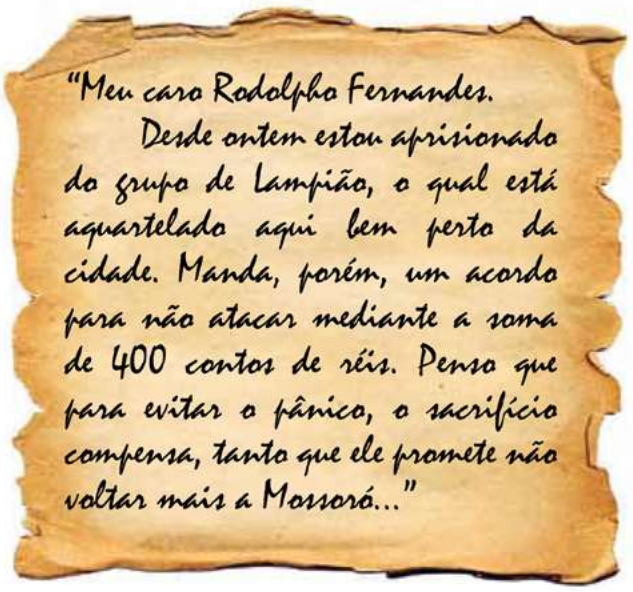
Do governo do Rio Grande do Norte, Mossoró recebeu rifles. Diante da insuficiência de armas para combater os cangaceiros, Rodolpho Fernandes comprou com a ajuda de comerciantes mais armamentos e reuniu ainda voluntários para defender a cidade no esquema de trincheiras estrategicamente posicionadas em diversos pontos. Saber do ataque mais de um mês antes de ocorrer possibilitou a elaboração de um plano de defesa eficiente, que marcou a história de Mossoró e do chamado cangaceirismo.

Mossoroenses se preparavam para a resistência

Cartas entre Rodolpho Fernandes e Lampião

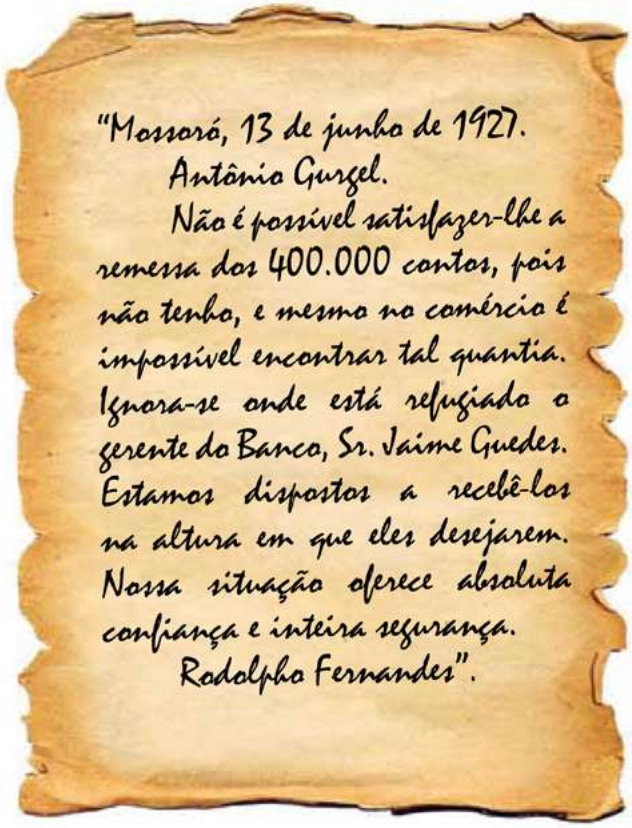
Lampião tentou negociar uma espécie de "acordo de paz" com o prefeito Rodolpho Fernandes antes de invadir a cidade. O cangaceiro pretendia extorquir Mossoró em 400 contos de réis. Em troca, não adentraria terras mossoroenses. O prefeito, no entanto, recusou a "oferta" do criminoso, conforme registrado em bilhetes trocados durante a negociação.

O primeiro bilhete partiu de Lampião, escrito pelo Coronel Antônio Gurgel, feito refém pelos cangaceiros para escrever uma carta a Rodolpho Fernandes. Esta a transcrição do bilhete endereçado ao prefeito de Mossoró no dia 13 de junho de 1927:



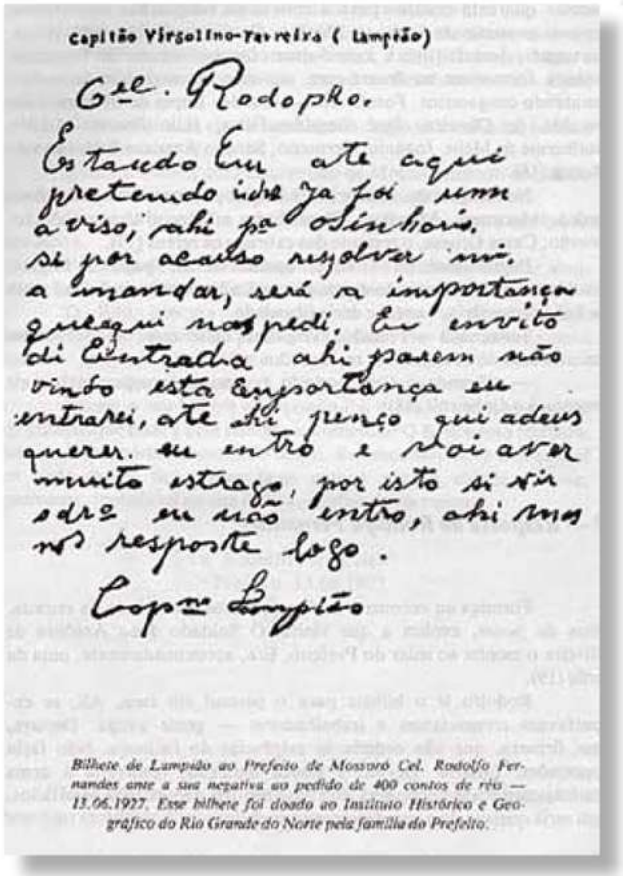
Quando recebeu a carta, Rodolpho Fernandes convoca uma reunião com pessoas de destaque da cidade, entre eles comerciantes e membros das forças policiais, para rediscutir a estratégia de defesa da cidade, visto que não seria possível entregar aos cangaceiros a quantia exigida.

Rodolpho Fernandes respondeu da seguinte forma:



Insatisfeito com a resposta, Lampião enviou então um bilhete escrito de próprio punho:

"Cel Rodolfo
Estando Eu até aqui pretendo dr°. Já foi um aviso, ahi p° o Sinhoris, si por acauso rezolver, mi, a mandar será a importança que aqui nos pede, Eu envito di Entrada ahi porem não vindo essa importança eu entrarei, ate ahi penço que adeus querer, eu entro; e vai aver muito estrago por isto si vir o dr°. Eu não entro, ahi mas nos resposte logo.
Capm Lampião."


Capitão Virgolino Ferreira (Lampião)

Cel. Rodopho.

Estando Eu até aqui pretendo isto já foi um aviso, ahi pº o Sinhoris. se por acaso resolver mi. a mandar, será a importança que aqui nos pedi. Eu envito di Entrada ahi porem não vindo esta importança eu entrarei, até ahi penço qui adeus querer. eu entro e vai aver muito estrago, por isto si vir o drº eu não entro, ahi mas nos resposte logo.

Capm Lampião

Bilhete de Lampião ao Prefeito de Mossoró Cel. Rodolfo Fernandes ante a sua negativa ao pedido de 400 contos de réis — 13.06.1927. Esse bilhete foi doado ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte pela família do Prefeito.

Ao bilhete do cangaceiro mais temido do Nordeste, Rodolpho Fernandes reforça a negativa de atender à tentativa de extorsão e destaca estar confiante na defesa da cidade. Veja o conteúdo do bilhete:

"Virgulino, Lampião.
Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importância que pede e nem também o comércio. O Banco está fechado, tendo os funcionários se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo o que o Sr. queira fazer contra nós. A cidade acha-se, firmemente, inabalável na sua defesa, confiando na mesma.
Rodolfo Fernandes
Prefeito, 13.06.1927".

No final da tarde do dia 13 de junho de 1927, após falha tentativa de extorsão, o bando de Lampião invade Mossoró. Sob chuva, a batalha se trava nas trincheiras montadas em frente à Igreja São Vicente, onde morreu o cangaceiro Colchete e foi baleado Jararaca, e também em frente à casa do então prefeito.

Os mossoroenses conseguiram expulsar o bando de Lampião sem registrar nenhuma baixa entre os homens que defenderam a cidade nas trincheiras. Um marco na história da cidade e do próprio cangaço, feito apontado como o início da derrocada da trajetória de Lampião e seu bando.

Resistência marcou a história da família Fernandes

Além da história de Mossoró, o plano de defesa orquestrado por Rodolpho Fernandes é um marco e motivo de orgulho para os descendentes do prefeito mais corajoso que a cidade já teve. O filho mais novo de Rodolpho, Raul Fernandes, dedicou 15 anos de estudo para escrever o livro "A marcha de Lampião", que narra com detalhes a vida na cidade à época da invasão, o percurso percorrido pelos cangaceiros e o empenho das trincheiras montadas para a defesa de Mossoró.

Além de Raul, a ilustradora e bisneta de Fernandes, Marcela de Carvalho, também escreveu um livro sobre a resistência mossoroense. Voltado para o público infantil, "Lampião e o vovô da vovó na cidade de Mossoró" conta de forma lúdica como os mossoroenses conseguiram expulsar o bando de cangaceiros mais temido do Nordeste.

A Revista Bzzz conversou com Marcela Carvalho sobre a resistência de Mossoró ao bando de Lampião e sobre o livro que preserva esta história.

Bzzz - Seu bisavô, Rodolpho Fernandes, se tornou um ícone da resistência. A história da defesa da cidade contra o bando é contada até hoje entre a sua família? Virou motivo de orgulho?

Marcela Carvalho - Na família essas histórias são contadas com orgulho. Mas também com certo distanciamento, pois meu avô Paulo casou com minha avó Ana Luíza bem depois da morte de Rodolpho e eles criaram os filhos (minha mãe e meus tios) no Rio de Janeiro. Desse modo, as distâncias cronológicas e até mesmo físicas deixaram a história bem longe.

Bzzz - Você não conheceu seu bisavô, mas ainda assim, deve ter ouvido sobre ele em casa. Como sua família o descreveu para você?

MC - Meu tio avô Raul Fernandes, irmão de meu avô Paulo, escreveu um grande livro sobre o assunto. Na minha opinião, o mais completo sobre o assunto "A marcha de Lampião". Há muitos livros sobre o assunto. E todos os que se aprofundaram na pesquisa do cangaço acabam esparrando no Cel. Rodolpho. Conheço esse meu antepassado pelos livros e não por relatos pessoais e afetivos de pessoas com quem convivi. Isso é incrível.

Bzzz - Recentemente, você lançou um livro infantil contando de forma lúdica a história da resistência ao ataque de Lampião a Mossoró. Como foi o processo de construção da obra?

MC - Sou ilustradora, contadora de histórias. Sou mãe e trabalho com crianças há algum tempo. Sou pesquisadora de Lij. Em uma conversa falei do feito de meu bisavó para Laura Van Boekel (coordenadora editorial da Zit editora) e ela achou que valia um livro, e quis saber se eu ilustrava. Eu me ofereci não só para ilustrar, mas também para escrever. Pra isso, tive que "passar no crivo" dela. O que foi um desafio delicioso.

Para o livro "Lampião e o vovô da vovó na cidade de Mossoró!" Eu me baseei nas verdades históricas recolhidas por Raul Fernandes. Não só por ser meu tio avô e filho direto do grande herói dessa história, mas porque Raul foi muito criterioso no seu estudo.

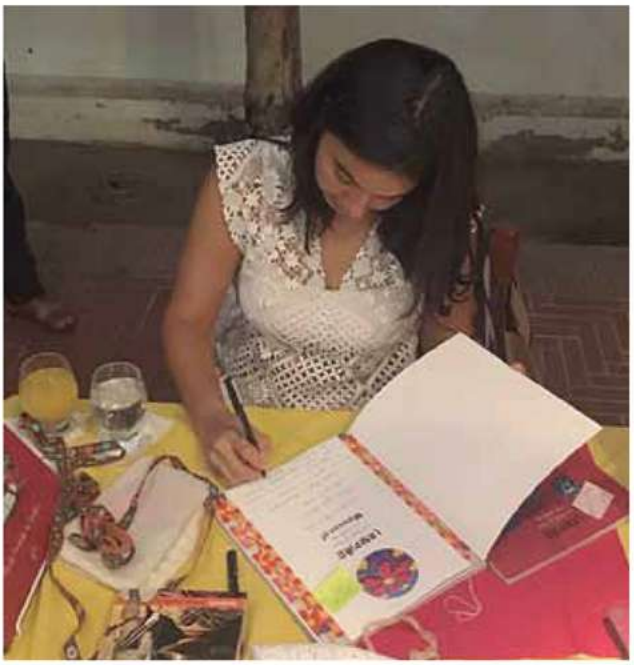
A precisão dos dados que ele apresenta é de um cuidado admirável.

Bzzz - O seu livro será lançado agora em agosto no Rio de Janeiro. A história da resistência de Mossoró ao ataque de Lampião desperta a curiosidade e tem boa receptividade do público carioca?

MC - Certamente. No Rio de Janeiro, Lampião é muito conhecido, assim como no Brasil inteiro. E as histórias de família são sempre de todos, todo mundo tem a sua família, o seu herói, a sua história. O causo do encontro dos cangaceiros com os coronéis interessa a todos nós.

Bzzz - No seu livro, as ilustrações são feitas de bordados. Por que você resolveu usar essa técnica? Qual a relação do bordado com a história da sua família e da resistência?

MC - O bordado tem sido meu modo de ilustrar, de dar vida aos desenhos iluminando os textos. Já tinha usado essa técnica em outros livros como o livro da canção de Gilberto Gil "A linha e o linho". O bordado tem uma história de resistência. O próprio ato de bordar hoje é resistir. Resistimos ao tempo acelerado, resistimos ao consumo, à agulha penetra o tecido e a linha, o nó resiste. E além disso, o cangaço é uma manifestação muito preciosa do bordado feito no Brasil. A produção dos cangaceiros e cangaceiras é uma coisa impressionante.



Marcela Carvalho escreveu um livro infantil sobre a resistência mossoroense

Bzzz - Para você, qual a importância de reservar a história da luta dos mossoroenses contra o ataque de Lampião?

MC - Preciso contar essa história para meu filho e minha filha (protagonista da história dentro da história). É importante que as gerações seguintes saibam de que maneira viveram seus antecedentes para que saibam mais de si e de seu entorno.

Bzzz - No livro "Jararaca: o cangaceiro que virou santo", Fenelon Almeida escreve que, para acalmar os ânimos nas trincheiras de defesa de Mossoró, Rodolpho Fernandes distribuiu conhaque aos homens. Esse causo é verdadeiro?

MC - Não tenho repertório para contestar ou concordar com esse relato do autor Almeida. Raul Fernandes não fala sobre isso no livro dele "Marcha de Lampião" e eu nunca tinha ouvido falar. O que sei é que o episódio do cangaço em Mossoró e em outros locais fala de um tempo distante, mas presente. É uma memória recente. Na comemoração dos 80 anos da resistência, em 2007, havia heróis vivos. E as versões das histórias são muitas.

Luciano Lellys

Rodolpho Fernandes como prefeito

O historiador Geraldo Maia, na coluna que mantém no jornal O Mossoroense, destacou que Rodolpho Fernandes iniciou o calçamento de algumas ruas de Mossoró e da Praça 6 de Janeiro durante o seu mandato.

Geraldo Maia ressalta que, inicialmente, o projeto do calçamento enfrentou críticas e a insatisfação de muitos habitantes temerosos de que, com as ruas cobertas por pedras, a ensolarada Mossoró fosse ficar ainda mais quente. Passado o alvoroço e o temor de se aumentar o calor, hoje a antiga praça, localizada no centro da cidade, leva o nome de Rodolpho Fernandes.

A trajetória do prefeito da resistência, porém, teve curta duração. No dia 16 de setembro de 1927, apenas três meses depois de Mossoró expulsar os cangaceiros, Rodolpho Fernandes tira licença da prefeitura para tratamento médico no Rio de Janeiro, onde faleceu menos de um mês depois, no dia 11 de outubro do mesmo ano. À época, Mossoró chorou a morte do prefeito herói, estampando homenagens nas capas dos jornais existentes na cidade então e transformando-o em um verdadeiro mártir da resistência.

Todos os anos, a atuação de Rodolpho Fernandes para montar o esquema de defesa de Mossoró ao ataque do bando de Lampião é relembrado no espetáculo "Chuva de bala no país de Mossoró", encenado em frente à Igreja São Vicente, que serviu de trincheira contra os cangaceiros.

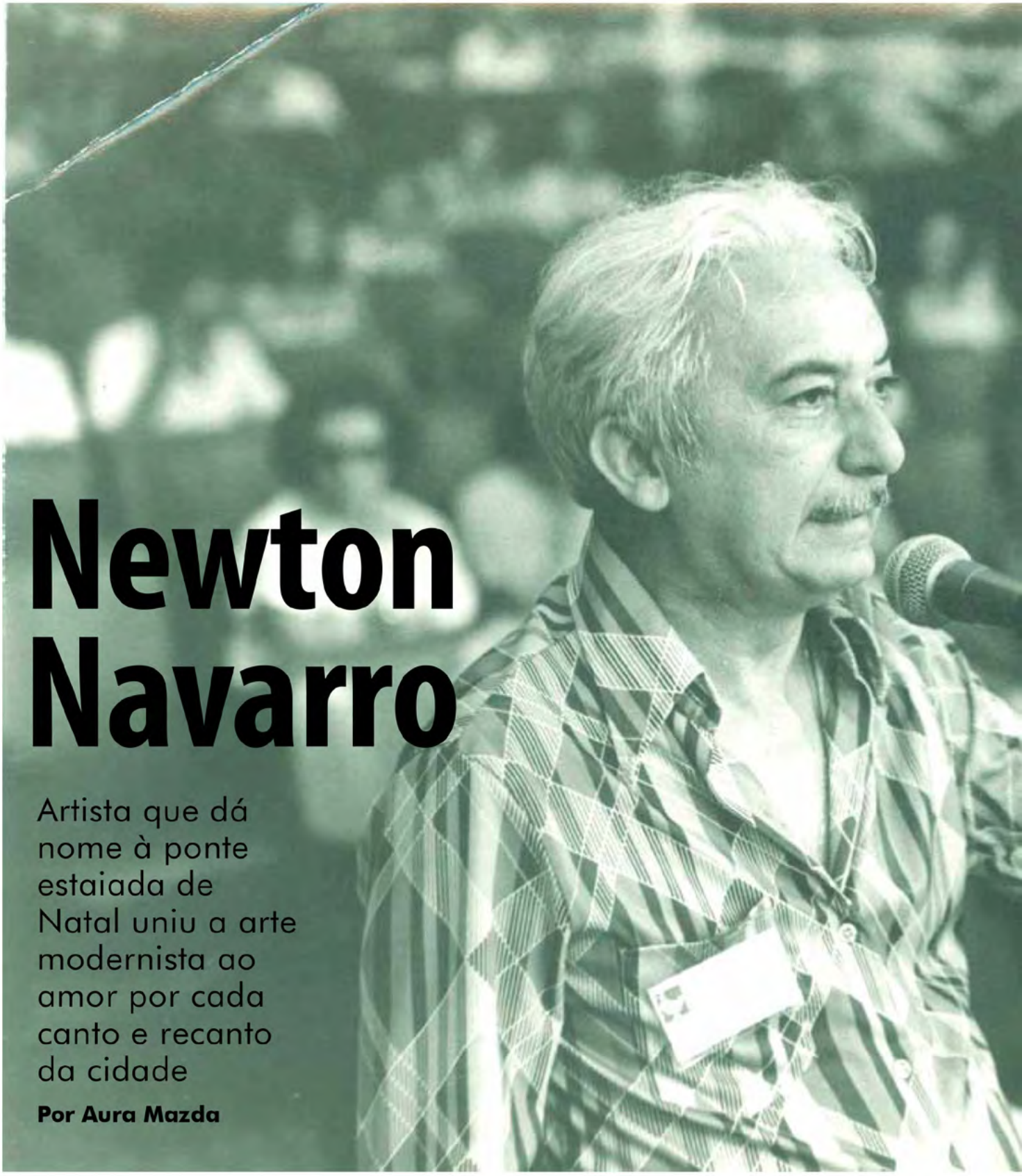
Cidade nomeada em homenagem ao prefeito-herói

Entre as várias homenagens prestadas em memória do prefeito que organizou o plano de resistência aos cangaceiros, se destaca a criação da cidade de Rodolfo Fernandes. Antes de se desmembrar do município de Portalegre, o povoado de São José dos Gatos, terra natal de Rodolpho Fernandes, teve início com Francisco Régis Filho, comerciante e proprietário de terras que chamavam a atenção pela grande quantidade de gatos do mato, conhecidos como maracajás. O comerciante mandou construir uma capela para São José no povoado e, a partir daí, a localidade começou a ser chamada pelos moradores de São José dos Gatos.

Somente no ano de 1962, através da Lei 2.763, o distrito de São José dos Gatos se desmembrou de Portalegre e recebeu nome em homenagem ao ilustre filho da terra e ex-prefeito que conseguiu escorraçar o bando de Lampião de Mossoró.

A pequena cidade de Rodolfo Fernandes, no Rio Grande do Norte, se estende por 154,8 km² e contava com 4.417 habitantes no último censo no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os habitantes da terra que homenageia o mártir da resistência são chamados de rodolfo-fernandenses.

PUBLICADA EM MARÇO DE 2018



Newton Navarro

Artista que dá nome à ponte estaiada de Natal uniu a arte modernista ao amor por cada canto e recanto da cidade

Por Aura Mazda

AMANTE INCONDICIONAL DA CAPITAL potiguar, o artista multifacetado Newton Navarro estava à frente de seu tempo. Pintou, escreveu e amou Natal como poucos. Espalhou sua marca pela cidade e deixou legado importante em vários campos da arte. Autor de teatro, agitador cultural, boêmio, professor de artes, poeta, contista, escritor e artista plástico, foi dos primeiros no Rio Grande do Norte a experimentar o modernismo nas telas.

Newton Navarro Bilro nasceu no dia 8 de outubro de 1928, em Natal. Filho do classificador de algodão Elpídio Soares Bilro e da dona de casa Celina Navarro Bilro, professora primária, começou a desenhar ainda menino. Foi casado com a professora de artes Salésia Navarro, também falecida. Deixaram um único herdeiro, Edson Moura, sobrinho do casal.

Estudou nos colégios tradicionais da cidade. Foi aluno do Colégio Marista, passou pelos bancos no secundário do Atheneu Norte-Rio-Grandense, e, assim como a maioria dos colegas, estudou na Faculdade de Direito no Recife (PE), mas foi na escola de desenho de Lula Cardoso Aires, vivendo a efervescência cultural da capital pernambucana no final dos anos 1940, onde formou-se.

Em Natal, o artista circulava entre intelectuais e pessoas ligadas à imprensa. Nomes como Luiz da Câmara Cascudo, Zila Mamede e Veríssimo de Melo estiverem sempre ligados a ele. O espaço conquistado na imprensa e em gestões da prefeitura e do governo estadual permitiu que Navarro desenvolvesse seus projetos, como foi o caso da Escolinha de Arte Cândido Portinari (entidade vinculada ao Movimento de Escolinhas de Arte do Brasil), e que publicasse suas crônicas em jornais locais. Seus traços ilustraram caderno do jornal Diário de Pernambuco.

O processo de produção era de "qualquer pessoa criativa", como define o biógrafo Gustavo Sobral. Saia do bairro de Petrópolis em direção ao jornal Tribuna do Norte, na Ribeira, e, no meio do caminho, encontrava um motivo para as crônicas literárias. Boêmio incurável, vivia nas ruas da cidade, nas praças, nos bares e redações de jornais. A cena urbana de Natal, o Rio Potengi e a Praia da Redinha eram suas principais fontes de inspiração. "Ele era a própria alma de Natal", diz Sobral.

Das paixões que marcaram a vida de Newton Navarro, a capital banhada pelo Rio Potengi é considerada uma das mais acentuadas em sua obra. Os bairros da Ribeira e Redinha foram imortalizados nos livros "Beira Rio" (1970) e "Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros" (1975). Em homenagem ao "caso de amor" que tinha com Natal, foi homenageado quando passou a dar nome a maior ponte de concreto erguida no estado, a Ponte de Todos Newton Navarro, que liga as zonas Leste a Norte da cidade, inaugurada em novembro de 2007. A homenagem foi sugerida pelos acadêmicos da Academia Norte-rio-grandense de Letras, a pedido dos admiradores da obra do artista, por meio de abaixo-assinado.

Gustavo Sobral, biógrafo

Newton, em sua juventude, em um dos locais que mais gostava de estar

Canindé Soares

Ponte de Todos Newton Navarro

Paixão tanta que, certa vez, ao pintar em terras europeias, disse: "Eu não acho cidade mais bonita que Natal, nem rio mais bonito que o meu rio. Eu vi uma vez o Sena. Achei uma porcaria. Vi também o Tejo e achei também uma porcaria. Mas o Potengi não. Que azul! E os morros que protegem a cidade? E as madrugadas? E as estrelas da manhã? Só em Natal tem essas coisas. A estrela repetida no forte da pedra... Uma cidade coberta de elísios, embalada pela canção dos pescadores, enfeitada de um lado e de outro, rio e mar, pelos azuis e verdes e pelas jangadas. Que cidade maior e melhor? Não existe. Nenhuma". (NAVARRO, 1974), como destaca em sua página o blog Papa Jerimum.

Biógrafa de Navarro, a jornalista Sheyla Azevedo descreve o amor que o artista tinha por Natal e a imersão em que vivia nos quatro cantos da cidade. "Como biógrafa dele é difícil resumir Newton em poucos parágrafos, porque ele era superlativo em praticamente tudo o que dizia, fazia e pensava. Mas, uma característica marcante dele era o amor que sentia por Natal. A nostalgia impregnada em cada pôr-do-sol vivenciado às margens do Potengi, indo em direção à sua Redinha tão cantada em verso e prosa. Newton foi um artista que "cantou a sua aldeia", por isso ele é tão universal".

Artista moderno

Quando o movimento modernista nem sonhava em despontar pelas terras potiguares, Navarro tomou para si a alcunha de precursor da arte moderna no estado. O movimento da Semana de Arte de 1922 só apareceu 26 anos depois, em 1948, na primeira exposição de Newton Navarro. As telas chocaram a população da cidade de pouca variedade de pinturas. Exposição que foi reforçada após temporada de estudo no Recife e em Paris (França), com desenhos e pinturas, na então Sorveteria Cruzeiro, na Cidade Alta. Evento que ficou conhecido também como I Salão de Arte Moderna. O segundo aconteceu em 1950, ao lado dos amigos Dorian Gray e Ivon Rodrigues. Iniciou-se a partir daí o estímulo para exposições coletivas e vários artistas aderiram ao movimento da nova arte. Os jovens artistas modernistas receberam o apoio dos principais intelectuais da época, como Cascudo, Zila Mamede, Américo de Oliveira Costa, Veríssimo de Melo, entre outros.

Reprodução "Casamento", guache sobre papel, obra de Newton Navarro produzida em 1970

E foi na década de 1950 que o Navarro produziu temas com aquarela e ar romântico. O grafismo e o traço começam a ganhar força. Nos anos 1960 surge a figura do marinheiro, o traço e o romantismo permanecem fortes e Natal começou a aparecer nas telas. O grafismo, a predominância do preto e as dobraduras nos corpos surgem nos anos 1970, quando Navarro começou a ficar mais conhecido. Na década de 80, ele pintou músicos, pescadores e marinheiros. Por fim, nos anos 1990, retomou o romantismo para fechar seu legado.

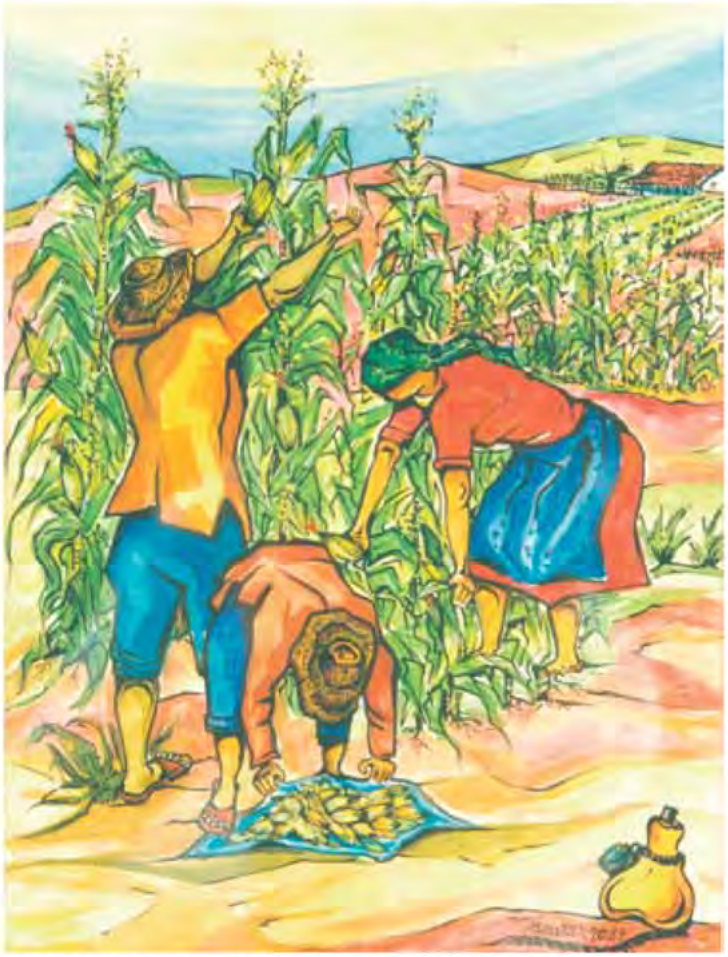
Segundo Gustavo Sobral, o sertão é a porta de entrada e o caminho em que traçará a sua literatura entre 1949 e 1970. "No entanto, na contramão de Rachel de Queiroz de O Quinze e de Graciliano em Vidas Secas, Navarro construirá a sua literatura não como imitação de estilo, mas com períodos literários em que não só importam as ações e os fatos para a composição de uma narrativa".

No ensaio biográfico Um Anjo Feito Sereno, lançado em 2013, Sheyla Azevedo não só retrata por meio de dezenas de entrevistas a obra do artista, mas também o homenageia em cada palavra. "Eu penso que a obra pictórica de Newton Navarro é uma referência local para todo o país e também para o mundo. Mas a importância dele não é só enquanto um criador, um artista. Ele foi também um realizador artístico e cultural".

Um dos exemplos usados por Sheyla foi de quando Newton Navarro trouxe o movimento modernista para Natal. "A primeira mostra que fugia do 'figurativismo de salão' comumente encontrado aqui ele fez sozinho e, um ano depois, ao lado de Ivon Rodrigues e Dorian Gray, eles dão uma mexida na sociedade com a primeira exposição de Arte Moderna de Natal, em dezembro de 1949. De lá para cá, o que foi feito depois teve o impacto desse movimento deles. Newton também foi responsável pela criação da Escolinha de Arte Cândido Portinari, outro momento interessante cuja proposta pedagógica ele foi buscar na Escolinha de Arte do Brasil, do Augusto Rodrigues", explica a jornalista.

Sheyla Azevedo, jornalista

Um dos desenhos, grafite sobre o papel



Newton Navarro desenhou e pintou homens e mulheres do sertão, vaqueiros, cangaceiros e pescadores

Memória

Murais, desenhos, crônicas, livros, pinturas e demais obras de Newton Navarro estão espalhados pela cidade, assim como o artista caminhava por becos e ruas de Natal. Sua arte pode ser encontrada desde acervos a paredes de instituições. "Newton nunca deixou de existir porque está presente na cidade. Quando a noite cai e o céu fica de um azulado lindo, são os azuis das cores de Newton. Quando vê uma cena da Pedra do Rosário e olha o Rio Potengi, é Newton Navarro. Quando a noite cai e a vida começa nos bares, Newton está presente na vida da cidade». É assim que o biógrafo Gustavo Sobral resume a memória do artista que retratou a beleza da capital que tanto amou.

Em 1998, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (Fiern) lançou "Navarro Obra Completa", reunindo em dois volumes toda a publicação literária de Newton Navarro até então. Constam na edição todos os títulos: Subúrbio do Silêncio (1953), ABC do Cantador Clarimundo (1955), O Solitário Vento do Verão (1961), 30 Crônicas Não Selecionadas (1969), Os Mortos São Estrangeiros (1970), Beira-Rio, (1970), "Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros" (1975), De Como Se Perdeu o Gajeiro Curió (1978) – com exceção da sua obra teatral, ainda inédita. Navarro então voltou à cena literária, toda a sua obra publicada se encontrava esgotada, de acordo com Sobral. O Sebo Vermelho, na Cidade Alta, edições de Abimael Silva, também traz algumas obras.

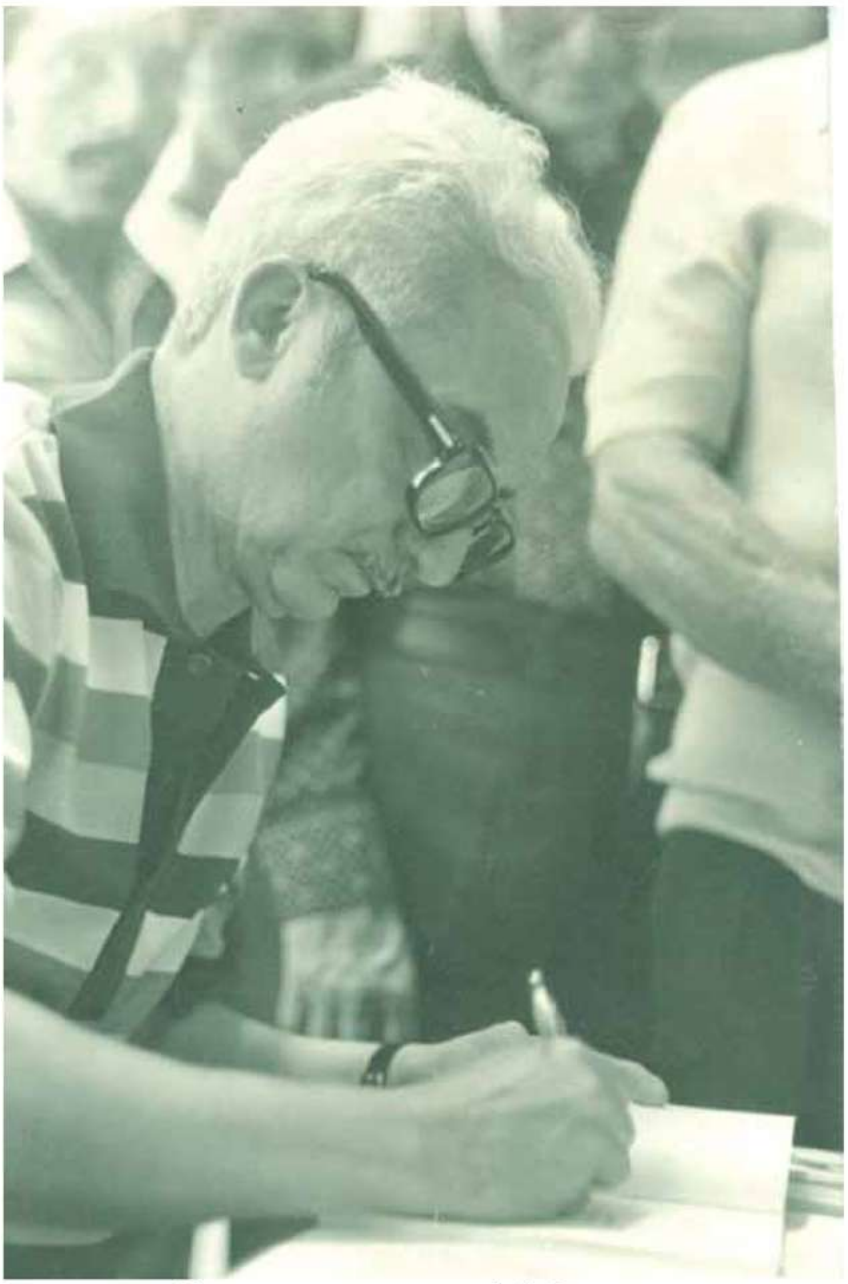
Boa parte da obra literária foi reeditada pela editora da UFRN (Edufrn). Em edição organizada por Helton Rubiano e Gustavo Sobral, foi republicado o Solitário Vento do Verão, que integra coleção com trabalhos inéditos para a bibliografia. "60 anos depois trago um livro inédito de Newton", comemora Sobral.

Jorge Amado encontra Newton Navarro em sua última passagem por Natal, em 1978

O adeus

Newton Navarro partiu em 1992, aos 63 anos de idade. Deixou seus traços geométricos como marca registrada. Sua pintura foi comparada à arte de Cândido Portinari. Nas suas telas as mulheres eram rendeiras e os homens eram vaqueiros ou pescadores. Não abria mão das características do homem nordestino. Tanto que um dia declarou: "Mesmo quando pinto Dom Quixote, eu desenho um Dom Quixote vestido de vaqueiro, com traços e características do homem nordestino".

Assim como Portinari, Navarro foi autor de pintura mural. De acordo com a dissertação de Isaias Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, "Murais Modernos de Newton Navarro e Dorian Gray", muitos dos murais de Navarro foram destruídos com a demolição ou reforma nas edificações em que estava a arte do ilustre potiguar. Mas ainda é possível encontrar algumas resistentes, como na sede do Clube América e no IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN), que traçou ao lado do grande amigo Dorian Gray.



Newton Navarro faleceu em 1992, aos 63 anos de idade

Nas pesquisas feitas por Isaias Ribeiro, Navarro também estudou pintura com André Lhote, artista e crítico francês da escola cubista; e gravura com Oswaldo Goeldi, no Rio de Janeiro. Em 1951 visitou museus e instituições culturais em Buenos Aires (Argentina). No ano de 1964 esteve em diversas cidades europeias em busca de aperfeiçoar sua arte. No Nordeste brasileiro, participou de exposições coletivas nas capitais Natal (RN), Salvador (BA), Recife (PE), João Pessoa (PB) e Fortaleza (CE). Na Europa, seus trabalhos foram apresentados em Lisboa (Portugal), Madri (Espanha) e Paris.

Imortal da Academia de Letras do RN, ocupou a cadeira do poeta Jorge Fernandes. E viva Navarro!

PUBLICADA EM MARÇO DE 2018

Matriarca vanguarda

Influência da mulher que inspirou e impulsionou os Faria no RN e foi homenageada com o nome da filha de Fábio Faria e Patrícia Abravanel

Por Adriana Brasil
Fotos: Arquivo

MULHER DE PERSONALIDADE FORTE, atuante, influente em momentos que foram decisivos no seio de tradicional família de políticos no Rio Grande do Norte. O nome Jane Faria veio à tona e se tornou popular no momento em que foi escolhido para batizar a filha do deputado federal Fábio Faria (PSD-RN) e a apresentadora do SBT Patrícia Abravanel, filha de Sílvio Santos. Surgiram polêmicas e curiosidade sobre os motivos da escolha da família Abravanel Faria quando Patrícia comentou no programa do pai como se chamaria a filha. E quem foi Jane Faria, a homenageada?

Celebração da primeira comunhão de Jane

Janete Mesquita de Faria nasceu em Natal no dia 9 de agosto de 1933. Vinda de família de ricos comerciantes, cresceu na Rua Hermes da Fonseca, em Petrópolis, bairro que era reduto dos mais ricos à época. Preferia ser chamada de Jane, pois achava que combinava mais com ela. Era inteligente, de personalidade forte e bastante vaidosa. Na juventude, não se destacou pela beleza física. E isso parecia pouco importar a ela. Em sua consciência altiva, estava o caráter vivaz e contestador.

Do jogo de buraco ao vôlei

Jane Faria era competitiva e entusiasta do esporte. Ao longo da vida, teve hobbies como jogar buraco e sair com as amigas para jantar fora e beber uísque. Foi bastante feliz e teve o papel de matriarca na família. Suas atitudes e maneiras de se portar diante da vida ampararam a família e deram a ela protagonismo no núcleo familiar.

Foi nos arredores da ampla casa que os pais de Jane instalaram uma quadra de vôlei, onde ela promovia partidas que eram disputadas pelas jovens bem-nascidas de Natal. O evento fazia a alegria de muitas garotas da época, encantadas por participarem dos jogos e socializarem diante da popularidade na sociedade de partidas como aquelas.

"Ela se destacava porque congregava as pessoas. Era um ser de caráter diferenciado, era bem humorada e dona de uma personalidade muito forte", lembra Hilneth Correia, colunista social e amiga de Jane. As duas se conheceram durante as partidas de vôlei, quando Hilneth, atleta do Colégio Atheneu Norte-Rio-grandense, entrava em quadra para substituir alguém nas partidas.

O bom da vida, em família

Jane e a irmã Rianete tiveram educação esmerada. O comerciante Amaro Mesquita mimou as duas filhas oferecendo a elas o que havia de melhor em matéria de conforto e conhecimento. Jane aprendeu a falar francês fluente. Tinha hábitos refinados, era boa anfitriã, promovia festas e jantares, sempre à francesa. Teria herdado da mãe Nair Mesquita o gosto por carros. A mãe teria sido a primeira mulher a dirigir em Natal. Jane preferia os modelos novos e de luxo. Tinha motorista mas gostava de dirigir, um dos prazeres que manteve por toda a vida.

Outro deleite era frequentar bons restaurantes e viajar. Entre os destinos favoritos, Alemanha, Estados Unidos e França. Viajava a sós com Osmundo ou na companhia dos filhos e netos.

Transmitiu aos descendentes o legado do amor ao esporte. Foi exímia jogadora de vôlei na juventude. Os filhos Rommel e Ricardo foram bons jogadores de vôlei. Sendo também aficionada pelo tênis, Jane só assistia as partidas ao lado de quem entendesse o esporte, como os netos Fábio e Ricardo Sérgio. Tempos partilhados que a mantiveram viva na memória dos que a cercaram.

Carro de luxo era uma de suas paixões

Com a mãe Nair e o marido Osmundo Faria em outro carro de luxo

Miss Brasil 1957, Teresinha Pittigliani concede autógrafos na casa de Jane (em pé ao centro), única residência com piscina que ele cedia para fotos, presente do pai, Amaro Mesquita (à esquerda da filha)

Joeci Emerenciano

Jantar de inauguração do Banco de Crédito Rural de Minas Gerais

Adorava viajar: passeio com o marido Osmundo Faria em Portobello Road, Londres

Em um cruzeiro marítimo com a família. Ao fundo, os filhos Robinson e Ricardo e a nora Mônica Romano

O casamento com Osmundo Faria

Jane era popular nos círculos pessoais e, ao mesmo tempo, discreta. Certa vez, foi apresentada a Osmundo Faria. O rapaz vinha de família rica, era empresário e viria a ser dono de salinas. A moça esperta, de temperamento analítico, logo atraiu o pacato Osmundo. Eles se apaixonaram, noivaram e casaram. Tempos depois vieram os filhos: Rommel, Robinson e Ricardo.

Jane promovia eventos elegantes para reunir familiares e amigos

A vida pode ganhar novas nuances, ou guinadas, a partir de algum fator determinante. Na família Mesquita de Faria isso se deu através da política. Osmundo era rico, influente no ramo empresarial. Só que os Faria não tinham tradição política no estado, ao contrário dos clãs Alves e Maia, que dominavam a política local. Mas Jane estava atenta ao que se sucedeu quando, na década de 1970, as conjunturas apontavam que o cargo de governador do RN poderia ser ocupando pelo marido, Osmundo Faria, que na época presidia o Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (BDRN).

De acordo com a tese de doutorado da pesquisadora potiguar Andrea Maria Linhares Costa, "Osmundo era o candidato mais cotado ao governo do Estado, inicialmente por suas relações de parentesco com Gustavo Faria, sobrinho do ministro do Exército, o General Dale Coutinho". Em 1974, o industrial Osmundo Faria foi convidado por Dale Coutinho para ocupar o governo. Osmundo não chegou a assumir o cargo devido a uma fatalidade: o general e padrinho político sofreu infarto fulminante. Quem acabou assumindo o comando do estado foi o ex-secretário estadual da Educação (governo Dinarte Mariz) Tarcísio Maia, pai do senador José Agripino (DEM-RN).

Após a frustração de Osmundo Faria, o sonho de entrar na política passou a ser acalentado pelo filho Robinson. Os demais filhos optaram por caminhos distintos. Rommel se tornou engenheiro agrônomo - morreu ainda jovem. Ricardo é empresário, avesso a holofotes da política, o filho mais ligado a mãe.

Jane, mais uma vez, a exercer forte influência sobre a família teve papel na fundamentação moral no seu núcleo familiar. Robinson aconselhou-se com a mãe ao descobrir que a então namorada, Nina Salustino, estava grávida. Ele tinha 18 anos e Nina, 20. Sabendo que o filho vislumbrava por uma carreira política no futuro, Jane o orientou a se casar com a namorada e a constituir família. Robinson assim fez. Casou com Nina e morou com a mulher na casa dos pais. Alguns anos após o nascimento do primogênito Fábio, o casal se mudou para residência própria. Porém, Fabio ficou aos cuidados dos avós paternos, que o trataram como filho. Da união com Nina, também nasceram duas filhas: Nathália e Janine.

Nina Salustino vinha de uma tradicional família do Seridó. Conhecia a futura sogra apenas por nome. Ao começar o namoro com Robinson, as duas se aproximaram e consolidaram a amizade e admiração recíprocas. "Jane era muito positiva e determinada. Ela me ajudou muito na criação dos meus filhos. Nossa relação era de cumplicidade,

respeito e bem querer", relembra Nina. Dos anos em que viveram sob o mesmo teto, ficaram boas recordações. Em especial, pelo apoio recebido na educação dos filhos, prática que se estendeu aos demais netos. "Era uma avó muito dedicada e presente na vida dos netos. Me ajudou muito na educação deles. Além disso, ela tinha o espírito jovem e muita disposição. Tanto que participava ativamente das brincadeiras dos netos, como se tivessem a mesma idade", diverte-se Nina.

O clã Mesquita de Faria estruturava-se. Robinson estudou Direito e se tornou empresário. Foi dono de padaria no bairro Petrópolis. E enveredou pela vida pública, realizando o que foi um dia o desejo do pai e apoiado por Jane. Em 1986, elegeu-se o deputado estadual mais jovem do estado, cargo que ocupou por 24 anos.

Nesse tempo, Jane se voltava para os cuidados com a família - não como uma matrona tradicional, mas com o caráter altivo e discreto que constituiu a sua marca pessoal. Juntamente com Osmundo, viveu por anos no Rio de Janeiro, assumindo a criação do neto Fábio.

Fábio Faria, que atualmente é deputado federal pelo PSD, viveu com os avós desde criança. Criado como um filho por eles, teve uma vida feliz e abastada. Osmundo morreu em 1991, quando Fábio tinha 14 anos. O avô promoveu alguns encontros políticos em sua residência, que Fábio acompanhava timidamente e atento, já atraído pelas temáticas das situações.

Após a morte do marido, Jane assumiu, de fato, o papel de chefa do clã Faria, como tocadora e incentivadora da família. Fábio e Jane foram grandes parceiros em amizade e afinidades. Os avós investiam e incentivaram os netos à prática de esportes, em especial à modalidade tênis, paixão herdada de Jane. Os netos Fábio e Ricardo Sérgio Faria se tornaram jogadores e participaram de torneios de classe. Ricardo Sérgio atualmente dirige o site Brasil no Tênis. Como tenista, Fábio conquistou títulos, como o de vice-campeão juvenil brasileiro, aos 17 anos.

Casa cheia

O ambiente barulhento e divertido da quadra que havia na juventude de Jane foi recriado décadas depois na morada da líder dos Mesquita de Faria, à beira-mar de Ponta Negra, a praia famosa de Natal pelo belo Morro do Careca. "Lembro da casa sempre repleta de amigos. Minha avó Jane exigia aquele almoço da família. Se não almoçava, jantava juntos", rememora Fábio. Assim como a avó, ele gostava de esportes. Praticava surfe e organizou partidas de futebol em casa, que estava constantemente repleta de amigos. "Assistíamos às partidas de tênis, víamos filmes juntos e éramos sempre grudados. Também jogávamos baralho, buraco", recorda. "Ela era do tipo matriarcona, mesmo. Coordenava todo mundo e todos a atendiam e a respeitavam".

Comemorando o Natal com Fábio e o filho Robinson Faria

Jane Faria tinha convicções fortes: "Do tipo que não mudava de opinião. Gostava de debater, muito. Uma mulher muito inteligente, que

lia muito. Nesses debates, quando tinha uma maioria formada, ela sempre gostava de discordar. Às vezes até poderia concordar, mas gostava que cada um pudesse expor melhor o seu pensamento", conta Fábio.

Os momentos que mais emocionaram Fábio alegraram também à avó. Foi Jane quem o entregou o diploma de administrador de empresas, na formatura. A memorável festa dos setenta anos, em que ela surgiu, de surpresa, de braços dados com as amigas a cantar. E momentos singelos, quando ambos se emocionaram juntos em frente à televisão ao assistir o brasileiro Gustavo Kuerten impressionar o mundo e sagrar-se campeão de tênis no torneio de Roland Garros.

A vida de avó e neto era marcada por saídas com amigos em comum, incluindo com os relacionamentos amorosos que Fábio teve ao longo da vida. Frequentavam locadoras de vídeo e escolhiam filmes para assistirem juntos, na rotina carioca.

De volta a Natal, Fábio Faria ingressou na faculdade de Administração de Empresas, pela Universidade do Estado do RN (UERN). Com tato empreendedor, logo abriu uma lanchonete nas imediações, a Crepedog, e posteriormente uma academia, a Athlética Club, tendo enveredado também para o comércio de camarões - sempre com o apoio da avó.

Orgulhosa, entrega o diploma de formatura em Administração ao neto Fábio

Ingresso na política

Jane era uma mulher do tipo controladora. E havia educado Fábio para ser livre e responsável perante suas escolhas. O neto que despontava como empresário promissor resolveu entrar para a política - também por influência paterna. Antes, teve que ouvir um sermão da avó. Em momentos decisivos dos Faria, Jane surgia como um arauto, trazendo o seu posicionamento diante dos caminhos que poderiam descortinar-se.

Preocupava-se com a exposição e o fato de o neto ser jovem. Contava vinte e poucos anos. Certo dia, ela entrou no quarto do neto para uma conversa importante. "Lembro que ela disse: 'você tem uma vida muito boa, é empresário bem sucedido. Eu percebo que você tem o dom para a política, mas acho que deve pensar na sua vida. Vai perder a sua liberdade' -. É engraçado que naquele tempo não havia as redes sociais e essa exposição toda como acontece hoje", recorda FF.

Após os aconselhamentos, Fábio pensou e avaliou o quanto poderia ser difícil se tornar político. E quem sabe num caminho sem volta. Mas, ao decidir seguir o mesmo caminho do pai, obteve apoio total de Jane. E tempos depois, a avó organizava carreatas com as amigas para a campanha no neto pelo RN.

Laços de amizade pela vida

A casa de Jane Faria em Natal era bastante movimentada. Vozes femininas, muitas risadas, fumaça de cigarro e o tilintar de gelo em copos de uísque. Jane promovia encontros com as amigas em casa, contando com a ajuda de seus assistentes de longa data, como o motorista Zito e o copeiro Dedé. Andava em grupos com suas várias amigas, algumas delas Hilneth Correia, Regina Emerenciano, Marta Dantas. Era comum saírem pelo bairro de Petrópolis para jantarem em algum novo restaurante, e Jane a levar sua garrafa de uísque escocês Grand Old Parr.

"Era Jane quem detonava o grupo para fazer alguma coisa. Tinha um espírito maravilhoso. Era amiga, era solidária, era parceira. E na época das campanhas políticas era o máximo. Jane preparava kits, botava na caminhonete, chamava o motorista Zito, e subíamos todas em uma caminhonete. Íamos embora com ela para apoiar as campanhas de Robinson para deputado", diverte-se Hilneth.

A ex-nora Nina Salustino foi uma das amizades que se mantiveram por toda a vida de Jane. "Existem vários momentos marcantes nas nossas vidas. Desses momentos, alguns foram as nossas idas frequentes à granja à salina com os meninos ainda pequenos. Era muito divertido, descontraído e alegre. As crianças adoravam", lembra Nina.

A autenticidade e alegria de viver permaneceram até durante os últimos encontros entre Jane e Nina. "Ela veio à minha casa, aonde conversamos muito, rimos, relembrando momentos e brindamos". O último encontro foi um momento de muita emoção. Jane estava hospitalizada. "Prefiro pensar no quanto ela é inesquecível e quanta falta ela me faz. Da sua presença amiga e alegre, dos seus conselhos e ensinamentos, desde sempre", emociona-se.

Anos vividos e a saúde de Jane decaiu. Fumante durante anos, a matriarca dos Faria teve câncer de pulmão. Morreu em fevereiro de 2007, no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, cercada do amor de seus familiares diante da mulher de temperamento forte, generoso e afável. E assim, Jane Faria, com existência discreta e firme, passou a ser inspiração e saudade para sua descendência e círculo das amizades.

Com a ex-nora Nina Salustino construiu laços de cumplicidade

Esbanjando vitalidade cercada pelos netos Fábio e Nathalia em uma festa da família

Apaixonada por moda

Quem atenta para a decoração e estilo das peças do atelier da estilista Nathália Faria percebe a influência dos tons do amarelo e estampas coloridas. Tal como a marca da Nathi Faria Brand. Um toque de carinho que Nathália imprime em suas criações pela marca deixada por Jane ali. "Vovó Jane adorava ir ao atelier que até hoje é no mesmo lugar que ela montou para mim. Costumava vir aqui criar roupas comigo para vestir em ocasiões especiais, como os shows de Roberto Carlos, sempre fazia um modelo lindo para ela", diz Nathi. Jane gostava da cor amarela e de estampas alegres. Ligava para a neta e pedia que fosse arrumá-la, fazer escova nos cabelos, maquiagem e escolher um *look* completo para os eventos que frequentava.

Nathalia reforça a verve controladora de Jane. "A última palavra era sempre a dela. Matriarca como sempre foi, não fazíamos nada sem o seu consentimento. Como exemplo disso posso citar de forma específica a minha carreira profissional. Foi a responsável e a maior inspiração pela criação da marca Nathi Faria Brand".

Com temperamento forte, sabia ser doce. "A mais amorosa possível. Ultrapassava as barreiras de avó, chegando a ser uma amiga ou até mãe. A nossa convivência era praticamente diária, todos os sábados eram ao seu lado, ela fazia questão de almoçarmos juntos, tanto em família como na presença de nossos amigos, sempre iam amigos de Fábio, Ricardo Sérgio e Janine e ela se dava bem e era querida por todos, independente da idade", lembra Nathalia.

Fazer boas amizades era um dos maiores dons de Jane. Sendo a liderança dos Faria, conseguia conduzir problemas de maneira sábia, serena e sem perder a classe e o otimismo, independente do que enfrentasse.

Memória

A família resolveu prestar uma homenagem à Jane, por meio da filha de Fábio Faria e a apresentadora Patricia Abravanel, nascida no dia 10 de janeiro de 2018. Para a criança foi escolhido um nome forte: Jane Abravanel Faria - desde o início apoiado pelo primogênito do casal, Pedro, de três anos.

Com a escolha do nome feita pelo pequeno, Patrícia, que hesitou no início, passou a não ter mais dúvidas: "Fábio e suas irmãs falam dela com muito amor, admiração e respeito. Ela teve um papel bastante importante na vida deles. Fábio diz que ela foi a base que ele teve de educação, formação do caráter e incentivadora nos estudos, esportes e na vida empresarial. Assim que ele falou que gostaria de homenagear a avó dando o nome Jane para nossa filha achei linda a intenção, mas estranhei o nome por não ser muito comum. Pedro comprou a ideia na hora! Durante a gestação toda tive dúvidas e não bati o martelo, mas a convicção do Pedro acabou dobrando meu coração e me fazendo acostumar e amar esse nome.", conta Patrícia.

"Minha avó Jane esteve ao meu lado até os meus trinta anos. Foi mãe, avó e minha melhor amiga. O que sou, o que aprendi, devo a ela. Batizar a minha filha como Jane é homenagear uma pessoa muito importante na minha vida, que me ensinou o significado da família. Jane é forte, imbatível. Eu tenho certeza que a nossa Jane será uma mulher admirável como a nossa avó foi.", torce o pai coruja.

Fábio Faria e Patrícia Abravanel no momento do nascimento da pequena Jane

Instagram Patrícia Abravanel

Os avós Sílvio Santos e Iris Abravanel com os três netos mais novos, entre eles Jane

Lembrança

A jornalista Eliana Lima, editora da Bzzz, tem boas lembranças de Jane Faria, com quem teve a oportunidade de conversar por diversas ocasiões e dar boas risadas. Ela é admiradora da determinação que tinha Jane, sua irreverência e disposição para aproveitar a vida sem perder os momentos que apareciam.

Eliana lembra de um dia inesquecível para ela. Após um almoço com Lili Marinho, no Restaurante Abade, Jane convidou as amigas para brindarem com uísque em sua casa. Foram 'derrubadas' duas garrafas de Black Label. Jane, os maiores goles. O que não fez efeito. Continuava sóbria, ao contrário das amigas. A jornalista, então, sugere a todas irem para o Taverna, pub que fica em um castelo estilo medieval em Ponta Negra. Jane de pronto topou, subiu as escadas e desceu arrumada para a 'balada'. Algumas declinaram.

Então seguiram Jane, Eliana e mais três amigas. Como o pub ainda estava fechado, ficaram no bar e restaurante que tinha em frente, Galo Alto, do jornalista Max Fonseca. Diante da demora, resolveram desistir. Por pouco Jane Faria não estreou no badalado pub no alto dos seus bem vividos 70 anos.

PUBLICADA EM MARÇO DE 2018

Parceiros antigos

A ligação do Rio Grande do Norte com os Estados Unidos vai além do período da Segunda Guerra Mundial. O estado foi o maior beneficiário do Brasil com recursos financeiros norte-americanos para investir em educação, após intervenção feita pelo então governador Aluízio Alves

Por Rafael Barbosa

MUITO SE FALA NO apoio que o Rio Grande do Norte deu às tropas norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial e aos costumes trazidos que fizeram o estado pioneiro no Brasil em mascar chicletes, tomar Coca-Cola, usar calça jeans etc. Mas essa relação é anterior a esse período que marcou época. Dados históricos indicam a participação direta dos governos estadunidenses na construção de escolas e de conjunto habitacional em Natal, a capital potiguar, no transcorrer da Guerra Fria.

Na década de 1960, a capital banhada pelo Rio Potengi foi uma das maiores beneficiadas com as verbas enviadas para o Brasil pela presidência do país norte-americano no projeto chamado "Aliança para o Progresso". De acordo com o que explica o historiador Anderson Tavares de Lyra, a parceria resultou no financiamento para a construção do que hoje são o Instituto Presidente Kennedy e a Escola Estadual Winston Churchill, além do conjunto habitacional Cidade da Esperança, que fica na zona Oeste de Natal.

"Era um dinheiro que os Estados Unidos usavam para ir de encontro com a União Soviética. Estamos falando do período da Guerra Fria. Você tinha a União Soviética financiando Cuba, e os Estados Unidos acharam por bem financiar outros países periféricos, inclusive o Brasil, trabalhando em cima das principais demandas que esses países tinham. No Brasil, a equipe que veio detectou que em princípio seria trabalhar pela educação".

O estado de Poty foi o maior beneficiado com essa história. Segundo o historiador, o então governador Aluízio Alves foi até os Estados Unidos reclamar mais dinheiro para o RN. "Ele vai diretamente aos Estados Unidos porque, como o governo federal estava sendo exercido pelo governo de João Goulart, sentiu que o dinheiro não estava sendo repassado, estava sendo retido. Então ele vai diretamente lá reclamar o dinheiro para o Rio Grande do Norte. O estado acabou sendo o que mais recebeu investimentos em função da viagem do governador".

Àquela época, Aluízio Alves já não estava mais alinhado a Jango e apoiaria logo então o golpe militar de 1964. No ano que os militares tomaram o poder, o Instituto Kennedy foi inaugurado em Natal. "Esse dinheiro ele investiu prioritariamente em dois setores: habitação e educação. E aí surge o Colégio Estadual Presidente Kennedy, como era a nomenclatura na época, em homenagem ao presidente assassinado, porque essa ideia da aliança para o progresso surgiu de Kennedy, só que ele não pode efetivar. Inclusive ele tinha uma viagem marcada para conhecer o Nordeste brasileiro, mas aí foi assassinado e quem assumiu essa postura e efetivou essas ações foi o irmão dele, Bob Kennedy, que também foi assassinado posteriormente, em campanha política para presidente dos Estados Unidos, pouco depois de estar em Natal para inaugurar a escola", conta Anderson Tavares de Lyra.

Cidade da Esperança, primeiro conjunto habitacional da cidade do Natal e financiado pelos americanos

Winston Spencer-Churchill, primeiro-ministro britânico

Presidente dos EUA, Kennedy foi assassinado em 1963, no Texas

O presidente John F. Kennedy foi morto após ser atingido por disparo de arma de fogo enquanto circulava no carro presidencial pelas ruas de Dallas, no Texas, em novembro de 1963. Ele foi o 35º presidente dos EUA, sendo o quarto assassinado. Seu irmão Robert "Bob" Kennedy foi morto quando era senador pelos EUA, também a tiros, por um imigrante palestino em um hotel na cidade de Los Angeles, estado da Califórnia, em 1968.

Com o mesmo dinheiro que chegou ao RN, Aluízio Alves deu início também à construção do Conjunto Habitacional Cidade da Esperança, em Natal.

Bob Kennedy e Aluízio Alves, em Natal

Winston Churchill

Sobre a construção do Colégio Estadual Winston Churchill, batizado em homenagem ao estadista britânico, o historiador diz que também foi fruto do financiamento estadunidense. Porém, nesse momento, os recursos conseguidos para o Brasil já não eram mais tão robustos. "Notei na pesquisa que os recursos já estavam se esvaindo. A escola foi terminada com dinheiro do Ministério da Educação e da Cultura, nosso, em um programa específico para a educação, mas um programa brasileiro. Quem terminou a estrutura foi o então governador Monsenhor Walfredo Gurgel, em 1968".

O Colégio Estadual Winston Churchill foi inaugurado em 1968

As obras começaram em 1965 e continuaram a passos lentos para a conclusão devido a escassez de dinheiro. A escola começou com 800 alunos, com grande estrutura. "O secretário de Educação da época, Jarbas Bezerra, até achou que nem teria essa quantidade de estudantes matriculados, mas teve, começou grande para a época. Para eles, estavam achando ótimo. Porque era educação, né? E estava dando certo". As duas escolas passaram anos sendo referência em ensino no Rio Grande do Norte.

Colégio Estadual Winston Churchill atualmente

Instituto Presidente Kennedy hoje é centro de formação de professores do RN

Formação de professores

Atualmente, o Instituto Presidente Kennedy, localizado na Rua Jaguarari, em Natal, é um centro de formação de professores do estado. Anderson Tavares de Lyra explica que a mudança aconteceu com a evolução da dinâmica educacional no RN. "A antiga Escola Normal, fundada por Alberto Maranhão em 1908, é absorvida pelo Instituto Presidente Kennedy, que hoje forma professores. Foram aproximadamente 10 anos como escola para a modificação que transformou em Instituto, nos anos de 1970".

Busto do presidente Kennedy, que fica em frente ao edifício Ducal, no centro da cidade, em Natal

No dia 22 de novembro de 1964, Aluízio Alves inaugura o Instituto Presidente Kennedy na presença do então senador Bob Kennedy, que fez para o público o símbolo da campanha de AA. O evento foi realizado na chamada Praça da Imprensa, que hoje é o cruzamento entre a Avenida Rio Branco e a Rua João Pessoa, na Cidade Alta, onde foi posto um busto de John Kennedy, em frente ao imóvel em formato cilíndrico onde funcionou o Ducal Palace Hotel, outro marco do governo de Aluízio Alves. "Era uma grande parede com uma coluna sustentando. Na ponta, tinha um pedestal com o busto, ao lado uma frase de Kennedy e abaixo duas mãos apertando", detalha Anderson.

Esse busto foi roubado nos anos 2000 e a Prefeitura de Natal providenciou uma réplica, de menor proporção, e pôs no lugar. A réplica atualmente ainda enfeita a grande calçada próxima ao cruzamento, simbolizando a parceria potiguar-estadunidense.

PUBLICADA EM SETEMBRO DE 2017

Urca do Minhoto: *paraíso (re)descoberto*

No meio do mar, entre Galinhos e Guamaré, no RN, existe um paraíso para surfistas de ondas gigantes que começa a ser descoberto pelo surfe mundial

Por Paulo Celestino Filho
Fotos: Alexandre Alessy/cedidas

"RIO GRANDE DO NORTE? Isso está errado!", desacredita uma pessoa ao ver as imagens das ondas no Instagram. Mas as paredes grandes e perfeitas são mesmo no RN, a cerca de 30 quilômetros mar adentro na altura de Galinhos e Guamaré. A verdade é que o mais novo paraíso do surfe, a Urca do Minhoto, foi (re) escoberto e anunciado para o mundo inteiro, e já está atraindo os surfistas mais aventurosos para descer o novo velho pico.

Velho porque a Urca do Minhoto é conhecida por poucos há quase 30 anos. O próprio surfista e empresário Armando Diniz, hoje um dos principais divulgadores da Urca, conta que em uma daquelas aventuras juvenis com amigos surfistas, saiu da costa em um pequeno barco, no ano de 1989, em busca do mito da "onda do roncador" que assustava até os pescadores mais experientes.

"Havia o mito do local que 'roncava' em pleno alto mar contado pelo surfista Ivo de Souza, que havia trabalhado na implantação das plataformas de petróleo naquela região e ele mesmo vislumbrava o sonho das altas ondas", conta Diniz. Os jovens surfistas, que à época estavam nos seus vinte e poucos anos, fariam de tudo para desbravar o mistério e prepararam a então aventura. Filho de coronel da Aeronáutica, Marco Campelo, conhecido pelos amigos como Leleu, conseguiu a carta náutica. Devido às características do local, a suspeita já era grande de que 'o roncador' proporcionasse o pico que todos os surfistas sonham.

Em busca da onda perfeita

A trupe composta por, além de Armando Diniz e Marco Leleu, Henrique Nega e Juscelino Peixinho saiu em um barco e se arriscou no desconhecido. Conseguiram chegar lá. Naquele dia, o mar não estava para as esperadas ondas, mas a aventura foi ver a formação rochosa que mais parece uma laje em pleno alto mar. O momento ficou registrado em uma foto com os jovens e as crianças que também embarcaram animadas pela aventura. "E ainda bem que não tinha onda, porque se tivesse o barco não teria aguentado", lembra Armando.

A primeira viagem do grupo de surfistas potiguares ao local em 1989

Armando Diniz, surfista e empresário

Surfistas desafiam a onda

Como não é de fácil acesso e as ondas ainda precisam reunir condições especiais da natureza, o local continuou em segredo e foi se tornando ainda mais mítico. De lá para cá, poucos tinham a sorte de conhecer o paraíso a cada verão. E quem contava a aventura era acreditado por poucos. Um bom tempo se passou até que alguns anos atrás outro grupo de jovens surfistas chegou até lá e filmou o objeto de desejo no dia e hora certos. Era aquela a prova que qualquer São Tomé precisava para acreditar.

Até que a história de um local mitológico do surfe também chegou aos ouvidos dos produtores do canal de TV OFF (especializado em surfe e esportes aquáticos), que resolveram conferir com os olhos e câmeras. Armando Diniz organizou a expedição que reuniu *big riders* (surfistas de ondas grandes) brasileiros, no último mês de fevereiro. "Foi uma conspiração da natureza, tudo contribuiu, foi um mega *swell*, tudo estava perfeito, e até era meu aniversário. Foi um presente e tanto", comemora Diniz.

Um pequeno trecho do vídeo, que era apenas aperitivo do documentário que ainda vai ao ar, foi postado no Instagram do canal, suficiente para ganhar o mundo. A postagem já registra mais de 40 mil visualizações e 10 mil *likes* até o momento - a publicação mais vista dentro do canal recentemente.

"Com ondas que chegam de 15 a 20 pés (cerca de cinco a seis metros), a Urca do Minhoto entra para a história do surfe como não só o lugar com uma das maiores ondas, mas também como uma das melhores do Brasil", entusiasma-se Armando Diniz.

Nazaré brasileira?

O pico (como geralmente os surfistas chamam o local com boas ondas) já está sendo comparado a Nazaré, vila portuguesa que ficou famosa pelos paredões gigantescos – e assustadores - da praia do norte e que fazem a alegria e o temor dos surfistas em busca das *big waves* (grandes ondas) que chegam a 50 pés (cerca de 15 metros). Ou também à Waimea, praia havaiana famosa também por suas ondas perfeitas.

Armando Diniz, no entanto, faz questão de colocar tudo nas suas devidas proporções. "A onda do Minhoto é bem menor. Porém, de fato, as ondas de Nazaré nascem do mesmo cânion submerso que vem do hemisfério norte e cria também as condições ideias da Urca do Minhoto", explica o empresário. E, ainda segundo ele, o próprio tempo na Europa também termina influindo na formação do *swell*, que são conjuntos de ondas que se formam bem distantes em tempestades no meio do oceano e chegam até o litoral, tornando assim perfeita a parede no lajedo da Urca.

O impacto da Urca no Minhoto no mundo do surfe foi grande, garante Diniz. O surfista profissional potiguar Jadson André, por exemplo, que compete em circuitos mundiais de surfe, já fez questão de dar um pulo na Urca enquanto aproveitava uma janela de descanso em Natal, alguns dias atrás. Até aproveitou para postar foto dele por lá e alfinetar quem não acreditava no potencial da região. "Com todo respeito aqueles que sempre faltaram respeito, falando que meu estado não tem onda! Vocês sempre serão bem-vindos para surfar nossas 'marolas'", postou em sua conta do Instagram.

Armando Diniz acredita que a descoberta do pico incrementará ainda mais o turismo na região de Galinhos e Guamaré, que já atraem os amantes do kitesurf. "Todo o mundo está ouvindo falar da Urca. Os surfistas virão". E não para por aí. "A formação se estende e há outras urcas como a do Minhoto. Vamos descobrir mais paraísos para o surfe, do RN para o mundo", revela.

Ainda para poucos

A onda perfeita é formada a partir da reunião de algumas condições especiais. Força e direção do vento, volume da maré, o solo do mar e até a fase da Lua influem na construção do objeto de sonho de todo surfista. O Nordeste brasileiro, embora apresente milhares de quilômetros de praia, tem poucos locais com ondas grandes e bem definidas. Por isso, muitos não acreditam quando ouvem falar da qualidade da onda na chamada Urca do Minhoto.

Por todas essas condições, a urca é especial e ainda deve continuar para poucos. Mas a tecnologia se tornou a grande aliada com a possibilidade de informar localizações precisas por GPS e fazer previsões de tempo para ajudar a ler os mistérios e sinais da natureza. "A onda na Urca do Minhoto tem o momento certo. Aprendemos que, na terra 'onde o vento faz a curva', quando o vento sudeste, maré e direção se combinam com a rasa bancada de coral, acontece a melhor onda do Brasil", relata Diniz. Chegando ao *swell* perfeito, o resto é ter coragem de descer a grande onda.

PUBLICADA EM MAR/ABRIL DE 2019

IVAN DMITRI/MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

SEGUNDA GUERRA

Viagem no tempo

PROJETO VAI TRANSFORMAR ANTIGO AEROPORTO DE NATAL EM COMPLEXO CULTURAL SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Por Saulo Castro
Fotos: Prefeitura de Parnamirim e Ivan Dmitri/Michael Ochs Archives / Getty Images

Já se imaginou em uma viagem no tempo para retornar ao período da Segunda Guerra Mundial? Mais precisamente na cidade de Parnamirim, no Rio Grande do Norte, território que serviu como base para os Estados Unidos durante o confronto. Pois bem, é essa a experiência que um projeto encabeçado pela Força Aérea Brasileira (FAB) e pela prefeitura do município quer proporcionar.

A ideia do projeto, previsto para ser concretizado ainda este ano, é utilizar as instalações do Aeroporto Augusto Severo, antigo Aeroporto de Natal, localizadas na ala 10, e transformá-las em um complexo histórico e cultural. No local, o visitante poderá vivenciar a história do confronto e a importância do território potiguar para este período.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a aliança entre Brasil e Estados Unidos, mais precisamente em 1941, o município de Parnamirim se tornou a base dos EUA, chamada de "Trampolim da Vitória" (ou Parnamirim Field). Historicamente, a base garantiu aos Estados Unidos a conquista de diversos pontos até a derrota da Alemanha no confronto.

A passagem dos estadunidenses pelas terras de Augusto Severo, as marcas e as influências deixadas, perceptíveis até hoje na cultura e nos costumes dos habitantes locais, são alguns dos fatos históricos a serem mostrados aos visitantes. Para contar esta história está sendo planejado um espaço que vai reunir atrações históricas, culturais e entretenimento, potencializando o turismo e difundindo a história da cidade.

O QUE ESPERAR DO PROJETO

O planejamento prevê a utilização das antigas instalações da Base Oeste da Ala 10, que era a base brasileira durante a 2ª guerra, composta por hangares, prédios e espaços que eram utilizados pelos militares no período do conflito mundial. O complexo incluirá ainda a área onde funcionava o antigo aeroporto, que deverá ser reformado e ganhará auditório para palestras e espaços para exposições.

Reunião entre representantes da Prefeitura de Parnamirim e da Força Aérea para definir o projeto

O secretário de Planejamento, Finanças, Turismo e Desenvolvimentismo de Parnamirim, Giovani Júnior, explica que a proposta é fazer desses espaços um circuito cultural e permitir ao visitante a experiência de voltar no tempo e poder ser, além de expectador, participante desse período da história, como se tivesse tido a possibilidade de estar lá enquanto tudo acontecia.

"O diferencial desse projeto é que ele não será um espaço para mera exposição de objetos, nem mesmo para simples observação

Cine Drive-in da época da 2ª Guerra

Hangar utilizado pelos franceses para testes aéreos

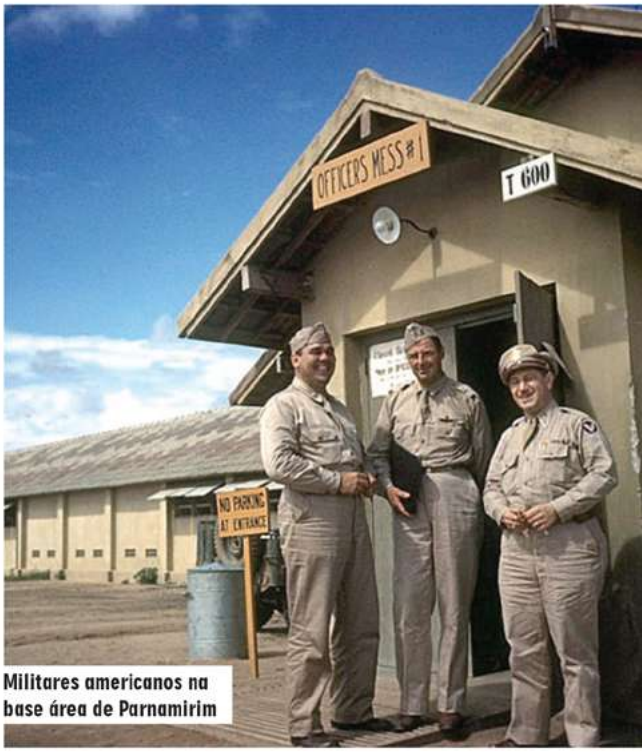
desses elementos, mas sim a possibilidade de proporcionar a quem visitá-lo uma imersão nesse período tão rico de nossa história, principalmente para o município de Parnamirim, que teve influência direta dessa época na sua cultura e nos seus costumes", destacou o secretário.

Tenente Rosa, bibliotecária e responsável pelo acervo histórico da Ala 10, explica que há hangares que eram utilizados por franceses e italianos no período pré-guerra para trabalhos de inspeção aérea. Esses hangares ainda guardam objetos da época, como equipamentos de guerra, maquinários utilizados pelos engenheiros e até mesmo aeronaves pilotadas por militares naquele período.

2º Tenente Rosa, bibliotecária e responsável pelo acervo histórico da Ala 10

FOTOS: IVAN DMITRI/MICHAEL OCHS ARCHIVES / GETTY IMAGES

Soldados americanos em jegue na Praia de Ponta Negra



Militares americanos na base área de Parnamirim

CURIOSIDADES DA ÉPOCA QUE SERÃO MOSTRADAS

Há ainda o prédio onde funcionava um cinema drive-in, invenção do norte-americano Richard Milton Hollingshead Jr, marco da cultura estadunidense entre as décadas de 40 e 50. Este local era utilizado como ponto de encontro entre os militares para festas e apresentações de bandas, incluindo artistas dos Estados Unidos.

Contam, inclusive, que foi destas festas, chamadas pelos americanos de For All (para todos em português) que surgiu o termo forró, que dá nome ao gênero musical. Os relatos são de que no período da Segunda Guerra, os potiguares, por não saberem pronunciar corretamente a expressão em inglês "for all", pronunciavam algo parecido com forró, dando origem ao termo. Esta história foi contada no filme For All - O Trampolim da Vitória de 1997.

Com relação ao acervo histórico disponível no local, Tenente Rosa diz que há muito o que ser mostrado, como negativos fotográficos, fotografias, filmes, mapas, quadros e objetos como saboneteiras, xícaras e outros utensílios usados pelos militares da época. Muito desse acervo remete a fatos e acontecimentos que nem mesmo os livros de história contaram. Como por exemplo, a existência de uma capela que tinha cultos para militares evangélicos e missas para os católicos.

Outra curiosidade narrada pela tenente é a existência de tubulações subterrâneas que percorrem toda a Avenida Hermes da Fonseca e toda a Avenida Salgado Filho. Essas tubulações conduziam óleo diesel que saia do porto de Natal, no bairro da Ribeira até a Base em Parnamirim.

"Poucas pessoas sabem dessa curiosidade. Então a importância desse projeto reside exatamente aí, na possibilidade de contar a história sob outra óptica, regada a detalhes, vendo os objetos de perto, respirando aquela atmosfera da época. Uma verdadeira viagem no tempo", acrescentou.

Militares americanos observam abacaxi durante banho de mar em Ponta Negra

Atividades quando da base norte-americana em Parnamirim

Ainda de acordo com ela, o projeto focará também na história da FAB no território potiguar. Ela conta que, embora o projeto ainda esteja em fase de elaboração, o comandante da Ala 10, Brigadeiro Luiz Guilherme Silveira de Medeiros, já demonstrou interesse em apoiar a concretização.

Para o 1º Tenente Daniel Evangelho Gonçalves, historiador do Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica (Incar), que veio de Brasília ao RN especialmente para articular o andamento do projeto, Parnamirim é uma das cidades que mais tem história patrimonializada fisicamente no Brasil. Segundo ele, a cidade faz parte da história da Segunda Guerra Mundial e as construções que existem aqui, além da formação da cidade, possuem total influência desse período.

"Não foi surpresa nenhuma poder ajudar em um projeto como esse, porque também essa é a nossa missão, cuidar dos patrimônios da FAB e perpetuar essa história que é tão importante", destacou o tenente historiador.

Além do aspecto histórico e cultural, o projeto visa ainda potencializar o turismo na região. Giovani Júnior, Secretário de Planejamento, Finanças, Turismo e Desenvolvimento Econômico de Parnamirim, explica que complexo vai atrair não só turistas, mas também pesquisadores do mundo inteiro. "Esse é um projeto arrojado e de importância inestimada", declarou o gestor.

PUBLICADA EM MARÇO DE 2018

GILSON BEZERRA

Evaldo Gomes

Descubra Parelhas

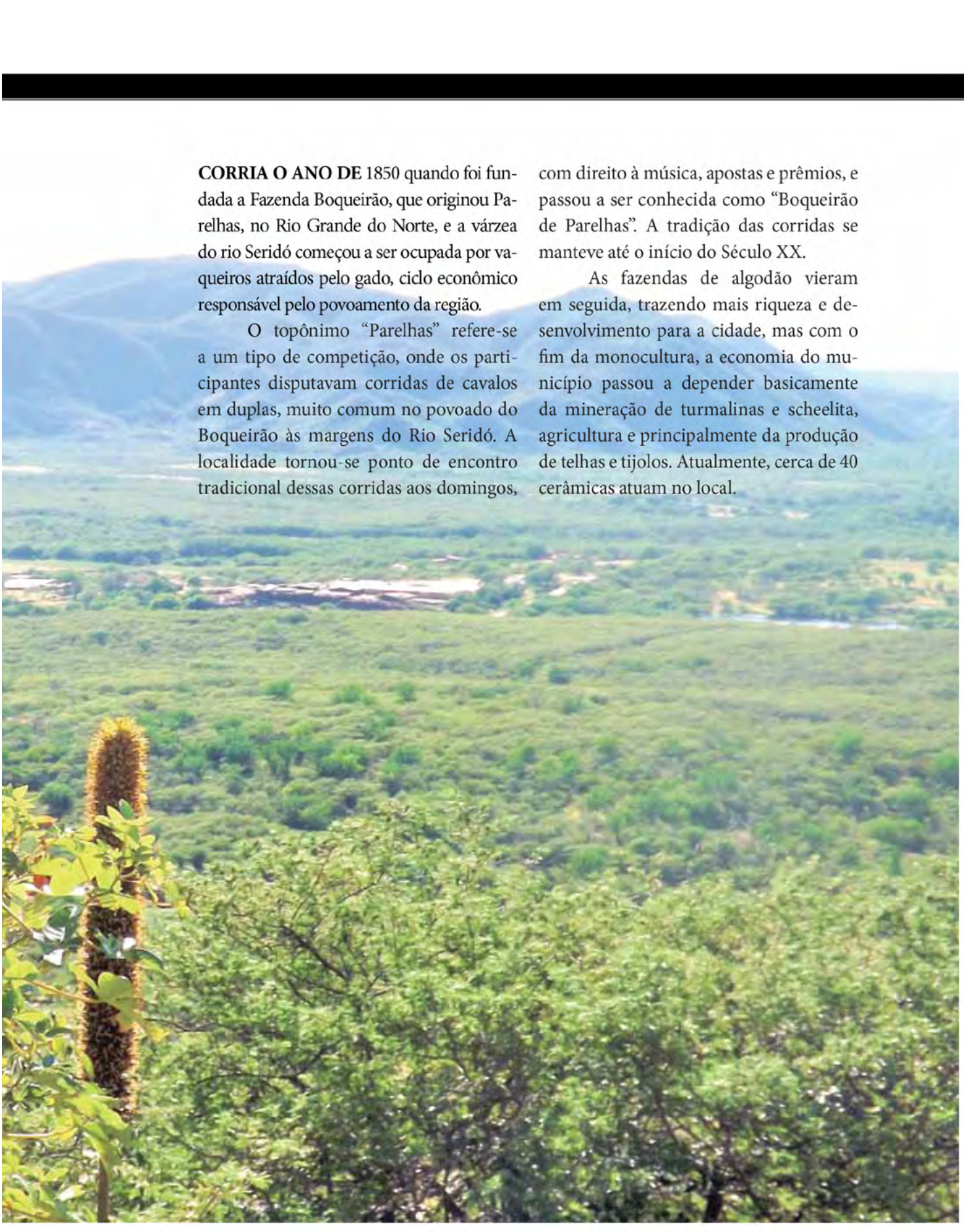
Cidade de ar aristocrático e repleta de belezas naturais, distante 220 km de Natal, também é cenário de longa que tem artistas como Sônia Braga e Tony Ramos

Fotos: Evaldo Gomes e Neia Araújo

CORRIA O ANO DE 1850 quando foi fundada a Fazenda Boqueirão, que originou Parelhas, no Rio Grande do Norte, e a várzea do rio Seridó começou a ser ocupada por vaqueiros atraídos pelo gado, ciclo econômico responsável pelo povoamento da região.

O topônimo "Parelhas" refere-se a um tipo de competição, onde os participantes disputavam corridas de cavalos em duplas, muito comum no povoado do Boqueirão às margens do Rio Seridó. A localidade tornou-se ponto de encontro tradicional dessas corridas aos domingos, com direito à música, apostas e prêmios, e passou a ser conhecida como "Boqueirão de Parelhas". A tradição das corridas se manteve até o início do Século XX.

As fazendas de algodão vieram em seguida, trazendo mais riqueza e desenvolvimento para a cidade, mas com o fim da monocultura, a economia do município passou a depender basicamente da mineração de turmalinas e scheelita, agricultura e principalmente da produção de telhas e tijolos. Atualmente, cerca de 40 cerâmicas atuam no local.



Evaldo Gomes

Barragem do Boqueirão

Fotos: Neia Araújo

Vista da entrada da cidade

Ironicamente, o maior motor do desenvolvimento econômico é responsável também pela tragédia ambiental: o processo de desertificação que vem assolando a região, resultado da retirada da madeira nativa da caatinga para alimentar os fornos.

Parelhas tem ar aristocrático e muito digno. As ruas são limpas e ordenadas, as casas pintadas, praças bem cuidadas, um pouco de arquitetura antiga preservada em algumas fachadas e aquele toque de cidade do interior respeitável e próspera.

Tenho alguns amigos parelhenses, mas quem me abriu as portas da

cidade foi Carlos Alberto, conhecido por todos como Carlinhos, ex-secretário municipal de Turismo. Carlinhos é guerreiro incansável na promoção do turismo local. Acolheu generosamente na sua casa de fazenda secular de amplo alpendre e sótão de madeira toda a equipe que participava da gravação de um programa sobre o Geoparque Seridó para a Rede TV, inclusive eu e meu grupo da Pé na Estrada Trilhas.

Foi o começo da parceria sólida e produtiva. Depois disso voltei muitas vezes a Parelhas. Perdi as contas do quanto subi a Serra da Capelinha de Jeep ou a pé para admirar a beleza da Barragem do Boqueirão e suas águas limpas, ver o pôr do sol ao som da sanfona de Pedrinho, o menino sanfoneiro que toca como gente grande, e os jantares com prosa na Fazenda Rajada com o historiador Hélder Macedo nos contando como foi a conquista do Seridó e o extermínio das últimas nações indígenas por Afonso de Albuquerque Maranhão, o som do sax de Fábio Dantas quebrando o silêncio da noite sertaneja.

Das coisas que mais gosto em Parelhas são os banhos na comporta do Boqueirão quando a Barragem está cheia e se abre o leque imenso de água, comer galinha caipira e carne de sol no Restaurante de Ulisses, os passeios com o pessoal do Jeep Clube pela Serra do Boqueirão, desafiando a gravidade e o bom senso, percorrendo pedreiras, mirantes e terminando no Poço da Princesa, antiga mina desativada que vira uma grande piscina de pedra no período chuvoso, local de muitas lendas e mistérios e vista espetacular de 360º.

Fotos: Evaldo Gomes

Sitio Arqueológico do Mirador

Figuras rupestres

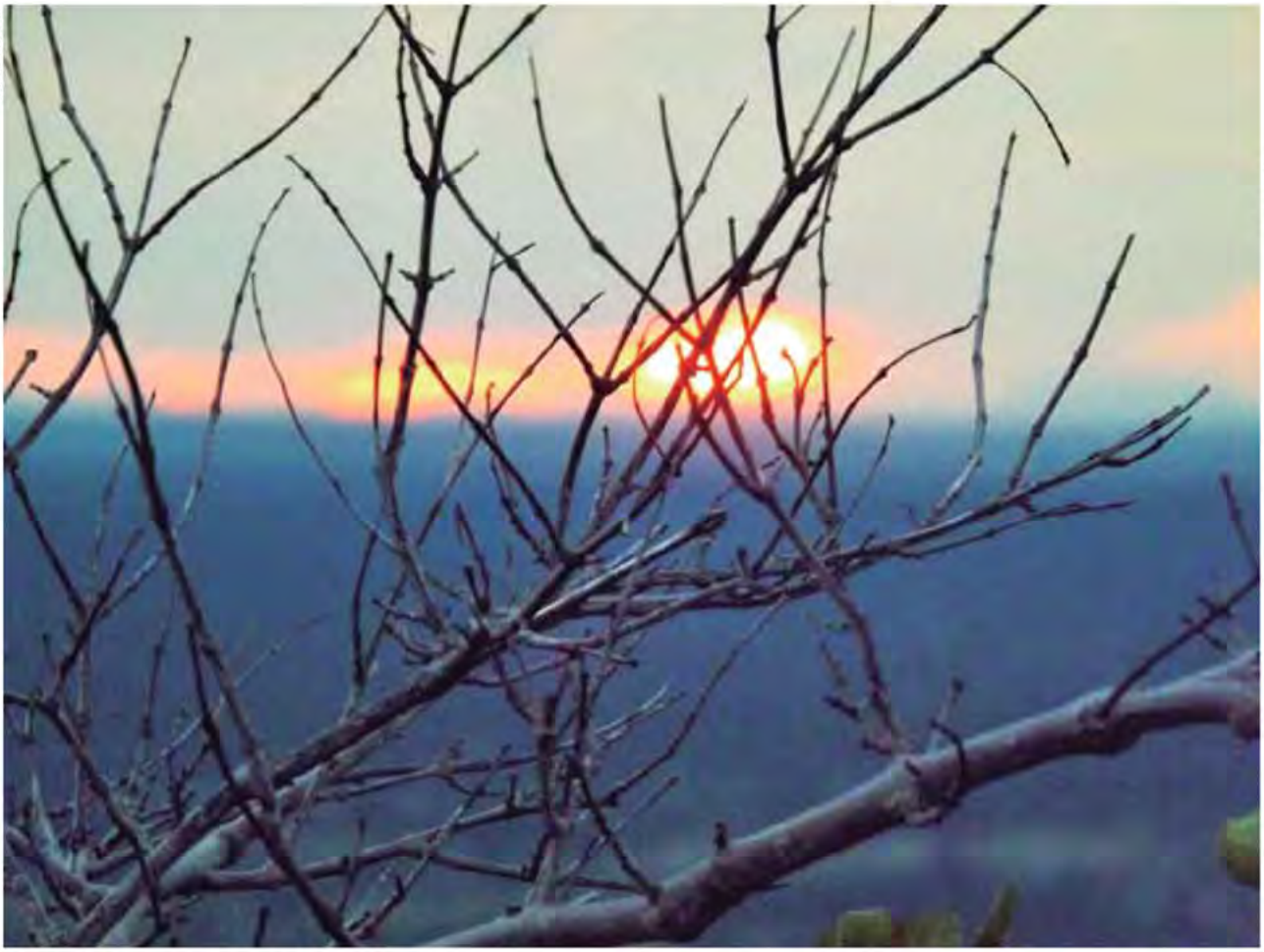
Serra do Boqueirão

O Sítio Arqueológico do Mirador, que em 2013 recebeu passarelas e sinalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), guarda pinturas rupestres de cerca de 6.000 a 9.000 anos. No local onde foi encontrado um cadáver mumificado de uma garota com cerca de 9.000 anos, estão presentes inúmeras pinturas rupestres, nas cores vermelha, amarela e branca, classificadas como Tradição Nordeste, subtradição Seridó. As pinturas são de humanos, cervídeos, felinos e aves (emas, papagaios). O sítio tem grande importância arqueológica e faz parte do projeto do Geoparque Seridó assim como os outros geoatrativos citados.

São muitas as belezas, que vão desde a bela mata de caatinga preservada no alto da Serra da Malhada Vermelha, reduto de pássaros raros e ameaçados de extinção, pertencente à família Medeiros e inacessível à maioria da população, até locais onde todos podem

Evaldo Gomes

Serra da Rajada



Evaldo Gomes

Pôr-do-sol na Serra do Boqueirão

Neia Araújo

Fotos: Neia Araújo

Vista da Serra da Capelinha

visitar como a Serra da Capelinha com seu mirante e muita história. A Serra da Rajada, na divisa do município com Carnaúba dos Dantas, é outro geossítio que merece ser visitado, uma trilha com obstáculos conduz os aventureiros até o topo da Serra de onde temos visão de tirar o fôlego.

Nos últimos dias, a sede do município vive grande agitação de ser palco da produção de um longa, que está sendo gravado no povoado Barra e conta com a participação de estrelas do calibre de Sônia Braga e Tony Ramos. As filmagens duram até meados de maio e por enquanto não existem vagas disponíveis em nenhuma das duas pousadas da cidade. Imóveis também foram alugados para acomodar parte do elenco e técnicos envolvidos na produção. A boa notícia é que não precisamos esperar a estreia do filme nos cinemas para conhecer as belezas de Parelhas, pois a cidade está localizada a cerca de 220 km de Natal e pode ser visitada em um fim de semana. Quem se habilita?

Parque dos Dinossauros

Comporta da Barragem do Boqueirão

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

PUBLICADA EM SETEMBRO DE 2013

Aniversariante bisexto, o conselheiro aposentado Haroldo Bezerra festejou seus 60 anos em clima de baile de carnaval, no dia 29 de fevereiro de 1996, na grande casa da Rua Abdon Nunes. Noite regada aos champanhes Veuve Clicquot e Moët & Chandon, uísque Gold Label, com decoração impecável de João Marcelino., serviço do Nick Buffet. Fotos do acervo dos anfitriões.

O aniversariente com Aécio Emerenciano e Franca Giordanetti

Selma comanda a festa com as melindrosas

Selma Bezerra recebe Maruska e Rogério Santos, Liane Tavares

Haroldinho Bezerra e Raquel, Maurício Galvão e Célia, Tonico Bezerra

Os artistas plásticos Made Weiner e Italo Trindade

Casal bacana Lalinha Duarte Barros e Genibaldo Barros

Artista plástico Willame Galvão

Rosa Melo, Juraci França e Lídia Constancia Barreto

NOITE CHANEL

Fotos: Alex Costa

PUBLICADA EM SETEMBRO DE 2013

Com inspiração na Paris dos anos 50, realçando o glamour de Coco Chanel, a festa que brindou os 50 anos da juíza Elizabeth Almeida não deixou a desejar das mais célebres imagináveis. Tudo detalhadamente pensado e assinado pelo filho Luciano Almeida, decorador e produtor da casa de recepções da família, que foi palco dos parabéns: Olimpo. Para a noite, a aniversariante usou um longo preto Chanel, na noite em tons preto e branco. Memorável.

Beta Almeide o maridón Marino Eugênio com os filhos Luciano, Lucila e Ysnara, com o mairo Hugo Pinto , os filhos Clara e Felipe

Casal Sam´s: Silva e Eduardo Gadelha Simas

Família chique: Sanda e Sami Elali, Juliana e André Elali

Cheia de charme, Beta usou lindo par de brincos da coleção London Blue da grife Ana Rocha&Appolinario

Eliana Lima

Procuradores do Trabalho, casal Izabel Ramos e José de Lima Ramos

Os lindos Carols Bezerra e Henrique Abreu

Um dos maravilhosos ambientes da big festa

Arquivo Pessoal

LUIZ THADEU NUNES E SILVA
Eng. Agrônomo, Palestrante, cronista e viajante: o sul-americano mais viajado do mundo com mobilidade reduzida, visitou 143 países em todos os continentes

Nômades digitais **e andarilhos**

Quantas vezes uma pessoa muda de endereço ao longo da vida?

Caro leitor, cara leitora, quantas vezes você mudou de endereço até hoje?

Eu já morei em 25 endereços diferentes ao longo de minha existência, em três estados do nosso imenso Brasil, sendo dois por trabalho. Agora que estou aposentado, e após as coisas voltarem ao normal depois da pandemia do coronavírus, tenho como meta morar em oito diferentes países. São lugares que conheço bem e me fascinam.

Li uma matéria de jornal que me chamou atenção para um novo tipo de pessoa, que vive mudando de endereços, pelo mundo,-os nômades digitais.

Como viajante, e após assistir o filme Nomadland, ganhador de três Oscar, o grande vencedor de Hollywood neste ano, lembrei dos nômades que encontrei pelo mundo. A maioria jovens, fluentes em línguas e TI que tornaram-se nômades digitais.

O filme Nomadland narra histórias reais de pessoas que vivem como nômades, por opção ou necessidade. Uns venderam tudo e caíram na estrada, em seus trailers; outros ficaram sem emprego e renda, os excluídos do capitalismo, hoje vivem literalmente às margens da estrada da vida.

A grande maioria das pessoas que conheço, não suporta se mudar, pois acham que dá trabalho e/ou despesas. Tenho um amigo, que mora na mesma casa desde que nasceu. Ele morava com os pais, foi ficando, os pais morreram, ele herdou a casa, e como diz: "Da aqui só saio para o cemitério, a última morada".

Em minhas andanças pelo mundo, vi jovens brasileiros vivendo como nômades digitais em diferentes lugares por onde passei. Em Sydney, Austrália, me hospedei com Eric, paulista naturalizado australiano, que trabalha com TI. Após dez anos na terra dos cangurus, rebocado por sua webnamorada, que conheceu pela internet, agora vive em Oslo, Noruega. Num cruzeiro pelo Caribe, encontrei Ricardo, jovem curitibano, após separação, optou por morar em navios e trabalhar a bordo. Maravilhado com a nova vida, contou-me feliz das muitas facilidades em morar em transatlânticos singrando pelos mares do mundo. Disse qu e além de ter comidas e bebidas inclusas no pacote, tinha todas as comodidades de um hotel de luxo, pagando bem menos. Além de namorar moças de diversas nacionalidades.

– Você não enjoa te ficar em um navio por tanto tempo, perguntei-lhe.

– Claro que não, enjoado e estressado é ficar em um só lugar, com uma só pessoa. E, tem mais, se cansar da rota, pego outro Cruzeiro com novo destino.

Assim, Ricardo vai vivendo e seguindo sua feliz vida por mares e oceanos.

Nas paradisíacas Ilhas Sheychelles, um dos lugares mais tops do mundo que já pisei, dividi a mesa de café da manhã com um inglês, Paul, após aposentar-se, escolheu morar nos lugares mais deslumbrantes do mundo. Já havia morado em Dubai e Bali, e iria fazer uma

excursão pelas ilhas do oceano índico.

Não perguntei, mais ele deveria ter o bolso forrado de libras, a forte moeda da terra da rainha. Certamente, uma fascinante experiência que eu gostaria te ter na vida.

Mas ninguém ganha de um casal de Maceió, Luís e Eduarda que conheci em um restaurante em Kathmandu, Nepal. Sem filhos, optaram por sair pelo mundo, cada um com uma mochila nas costas. Ou melhor, a casa nas costas; tudo que precisavam para viver cabia em suas mochilas. Os homens até podem caber tudo na mochila, mas mulher, que gosta de roupas, sapatos e maquiagens, fica mais complicado. Mas Duda tira de letra, com muito tempo de estrada, desapegou e só carrega o essencial. Coisa rara para as mulheres.

Em um voo de Auckland, Nova Zelândia para Melbourne, Austrália, por usa dessas coincidências da vida, sentou-se na poltrona ao lado, Elizabeth, uma jovem sueca, filha de pai sueco e mãe baiana, que viveu até a adolescência em Salvador, fala bem o português. Hoje anda pelo mundo, sem endereço fixo, mudando de cidade em cidade, país em país, como ativista ambiental. Sediada na Oceania, já morou em diversos países da África. Seu sonho é passar uma temporada na Amazônia. Jovem destemida que elegeu a luta pelo meio ambiente como opção de vida.&nbs p;

Na matéria do jornal, li sobre um casal que mudou de endereço nos últimos quatro anos, 199 vezes. Isso mesmo, quase duzentas vezes.

Nómades digitais, Franklin e Carol, rescindiram o contrato de locação do apto no Rio e caíram no mundo. Aventureiros, jovens, a rotina de movimento constante faz parte do estilo de vida desses viajantes que conseguem rodar o mundo enquanto trabalham à distância, em uma espécie de home office que pode ser feito em qualquer lugar da terra. Este estilo de vida tem se adaptado aos desafios impostos pela pandemia. Muitos retornaram para seus locais de origem.

Além do espírito aventureiro, para ser um nômade digital precisa com um planejamento prévio, para diminuir possíveis perrengues. Uma ferramenta usada para viver se mudando pelo mundo, é o AirBnb, que eu utilizo nas minhas viagens pelo mundo, mesmo não sendo um nômade digital.

O aplicativo AirBnB é uma ótima ferramenta para você escolher casa e apto para se hospedar como se estivesse em uma sua casa, com tudo, desde cozinha montada a livros na estante. Prefiro hospedar-me assim, que em quartos minúsculos de hotéis.

Andarilhos, com asas nos pés, jovens e outros nem tão jovens como eu, estamos atravessado mares e oceanos para desbravar diferentes lugares do mundo, atrás de experiência, novas culturas, novos aprendizados, novas vivências.

O mundo conspira a favor de quem se aventura a desbrava-lo.

GoRead

Mais de 200 revistas por apenas R$ 22,90/mês.

GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse **goread.com.br** ou baixe o aplicativo.

DISPONÍVEL NO Google play

Download on the App Store